



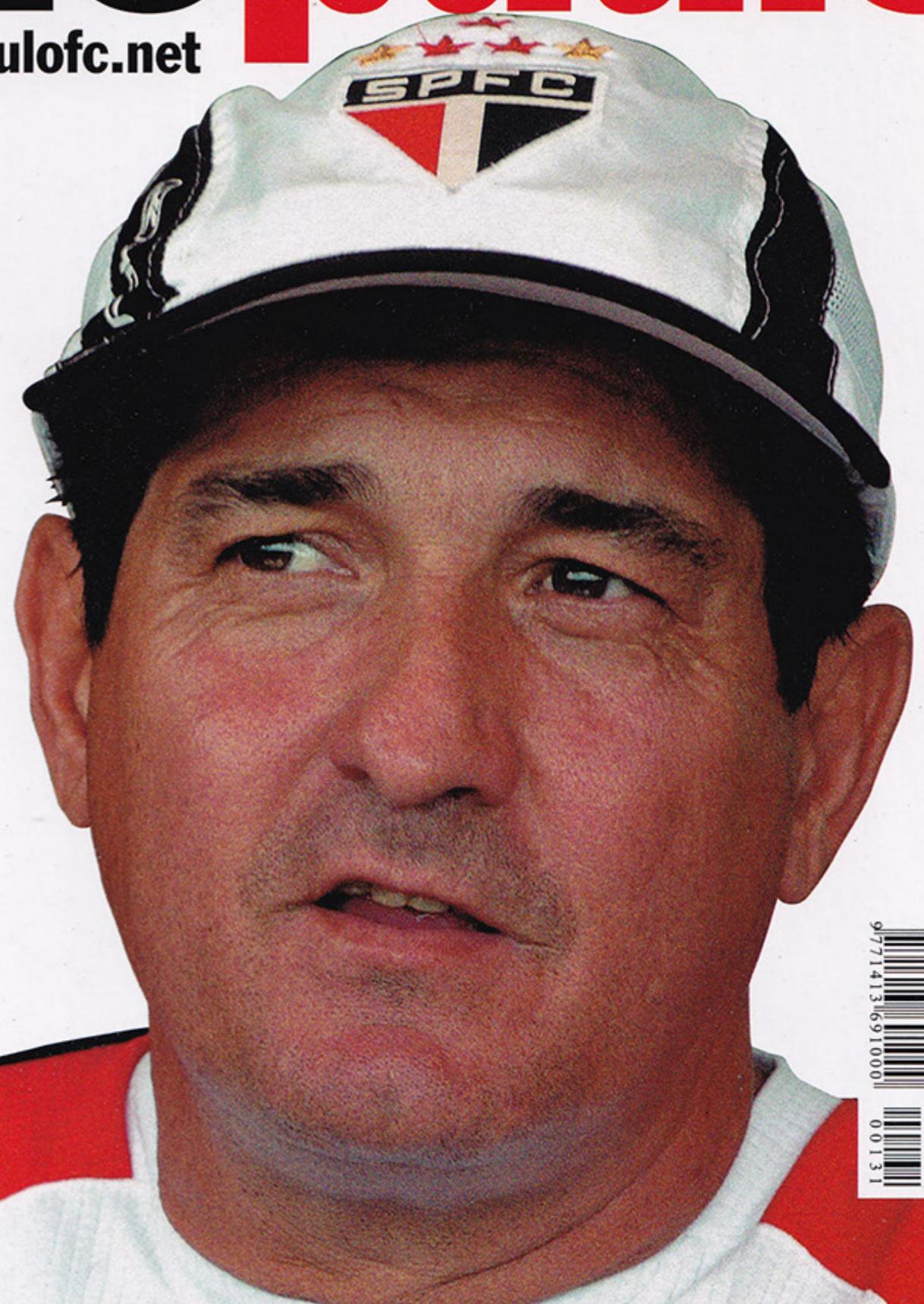
são paulo

www.saopaulofc.net

a revista oficial do

O bom filho a casa torna

O treinador **MURICY RAMALHO** revela os segredos para manter o Tricolor na rota dos títulos



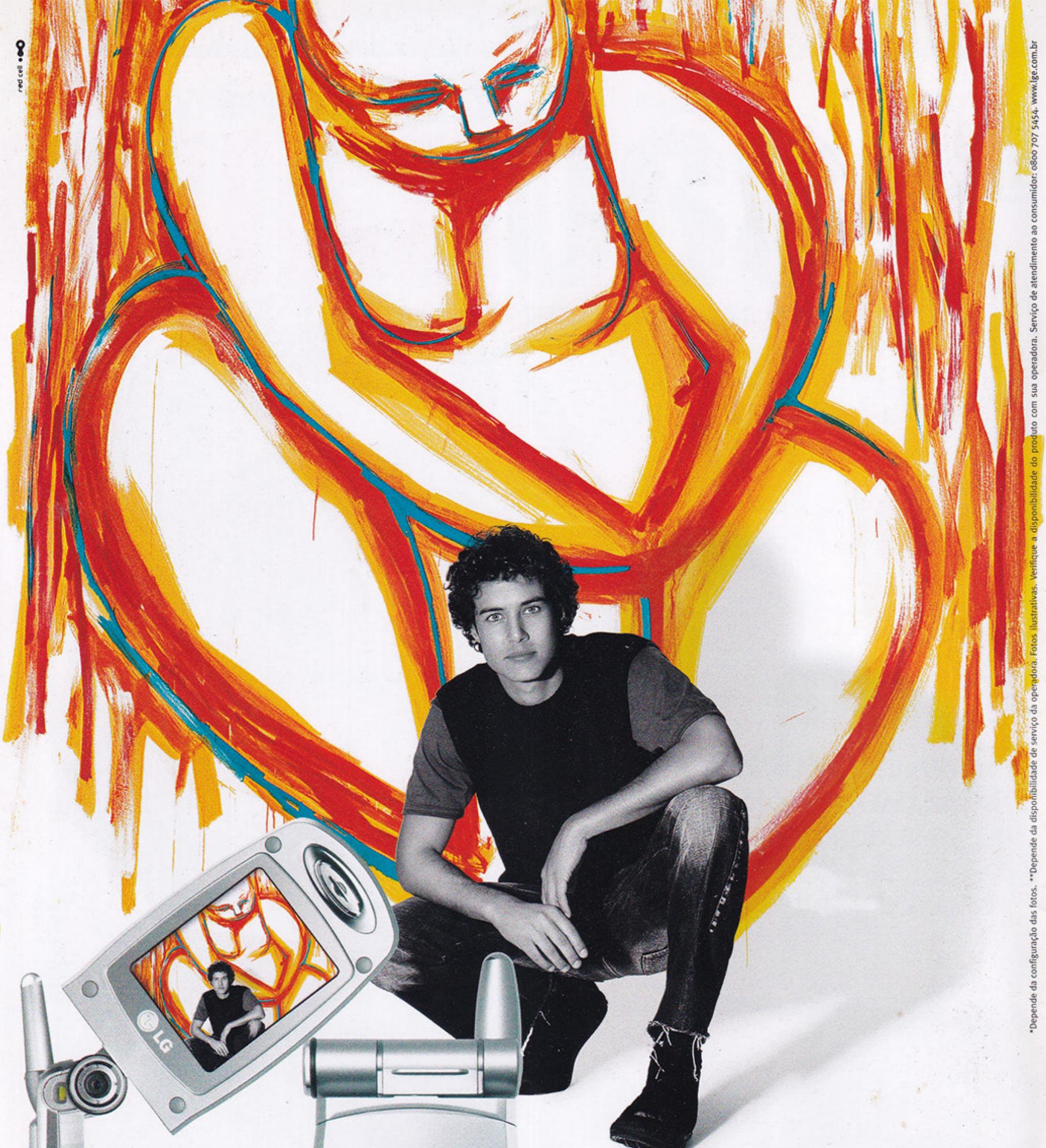
BOSCO
O goleiro e sua estreita relação com o surfe

LAUDO NATEL
"Todas as conquistas do São Paulo me marcaram"

LIBERTADORES
Comissão técnica e jogadores analisam adversários e dificuldades

977141346910001
00131

Nº 131 - R\$5,90



Pare de dizer quem você é.
Mostre.



G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



Ou você é bom de bola ou fica dono da bola.



O esporte é a bola da vez no mundo dos negócios. E, a cada ano, ganha mais espaço, atrai novos investimentos e torna-se mais competitivo. Para entender esse negócio e aproveitar as suas oportunidades, agora você tem o **Marketing Champion - Curso Avançado em Administração e Marketing no Esporte**.

Uma tabelinha bem-sucedida entre a *Escola Superior de Propaganda e Marketing* e o *São Paulo Futebol Clube* que vai revelar profissionais para atuar nos diferentes campos da gestão e do marketing esportivo. O curso tem duração de três semestres com aulas práticas no campo, seminários, palestras e uma formação abrangente que permite ao aluno entender tudo o que acontece antes, durante e após um evento esportivo.

Faça Marketing Champion. Isso é mais que um convite. É uma convocação.

MARKETING
champion

CURSO AVANÇADO em ADMINISTRAÇÃO e MARKETING do ESPORTE

INSCRIÇÕES ABERTAS

Informações: 11 • 5081-8225
ou candidato@espm.br



ESPM

www.espm.br

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo
Affonso Renato Meira

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva
Ademar de Barros

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo
Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável

Jorge dos Santos Afonso

Jornalista Responsável

Cinthia S. Gagliardi Mtb 29875

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Fernanda Lupo (produção)

Reportagem

Fernando Savaglia e Ana Paula Andrade

Colunistas

Affonso Renato Meira, Guaracy Souza
Sampaio e Paulo Planet Buarque

Colaboração

Alessandro Gonçalves, Denis Moreira,
Felipe Espíndola, Juca Pacheco, Malú
Souza, Rafael Furugen e Raul Snell Jr.

Fotógrafo

Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

André Cavallini, Celso Andrade, Daniela
Salvador, Diego Marcato, Marcelo Campos
e Rogério C. Macadura

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3839-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por
Ultraprint Impressora Ltda



E MAIS ENTREVISTAS COM ALEX DIAS, ANDRÉ DIAS, LEANDRO E LIMA



Índice

06 Imagens

Rogério Ceni e o hábito das boas defesas

08 Entrevista

Laudo Natel conta a epopéia do Morumbi

12 Telão

O São Paulo na boca da imprensa

14 Libertadores

Conheça os adversários do Tricolor

18 Capa

Bate-papo com Muricy Ramalho, Alex Dias, André Dias, Lima e Leandro

32 Por Onde Anda

Marinho Chagas, um dos maiores laterais-esquerdos do Brasil

34 Personalidade

A devoção de Henri Castelli

36 Perfil

Bosco, o goleiro que adora surfar

39 Crônica

Ives Gandra da Silva Martins

40 Especial

Árbitro uruguaio, que apitou jogo do SPFC na Libertadores passada, é suspenso por suposto envolvimento com corrupção

42 Jogos

Acompanhe todas as fichas técnicas do Paulista

46 Notícias

Affonso Renato Meira, livro de Olten Ayres de Abreu, nova camisa, parcerias...

50 Crônica

Guaracy Sampaio

Editorial

Caro leitor,

No começo, em 2002, havia muito a ser feito. Tínhamos de arregaçar as mangas e trabalhar com seriedade para ver o São Paulo retornar ao seu lugar de destaque no cenário mundial. Aos poucos, fomos melhorando nossa estrutura. Inauguramos o Reffis na Barra Funda, retomamos o Projeto Sócio-Torcedor, voltamos a adotar políticas agressivas de marketing, investimos na comunicação do clube por meio do site e da revista oficial e promovemos shows internacionais no Estádio do Morumbi.

No futebol profissional, ousamos para montar um time competitivo, que, em pouco tempo, várias alegrias deu ao torcedor – tanto é que 2005 entrou para a história. Muito mais, entretanto, aconteceu. Com a concretização do Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, local inteiramente voltado para as categorias de base, temos a mais plena convicção de que o Tricolor continuará sendo o principal produtor de craques do planeta bola.

Se o ano que passou foi brilhante, 2006 começou com certas dificuldades, porque peças importantes da equipe profissional nos deixaram, como Paulo Autuori, Amoroso, Grafite e Cicinho. Como nosso objetivo sempre foi manter a equipe no mais elevado nível, saímos à procura de profissionais que pudessem suprir as necessidades do time. Contratamos, primeiramente, Muricy Ramalho. Depois, vieram Alex Dias, André Dias, Leandro, Rodrigo Fabri, Ramalho e Lima. Assim, voltamos à normalidade. Afinal, continuamos a ter um elenco forte o suficiente para repetir a dose de alegria do ano anterior.

Após quatro anos ocupando a cadeira da presidência do São Paulo Futebol Clube, posso dizer que saio realizado, mas sabendo que ainda existe muito a fazer. Desejo toda a sorte do mundo ao meu sucessor e espero poder comemorar, como bom torcedor, títulos tão importantes quanto os de 2005.

Saudações tricolores

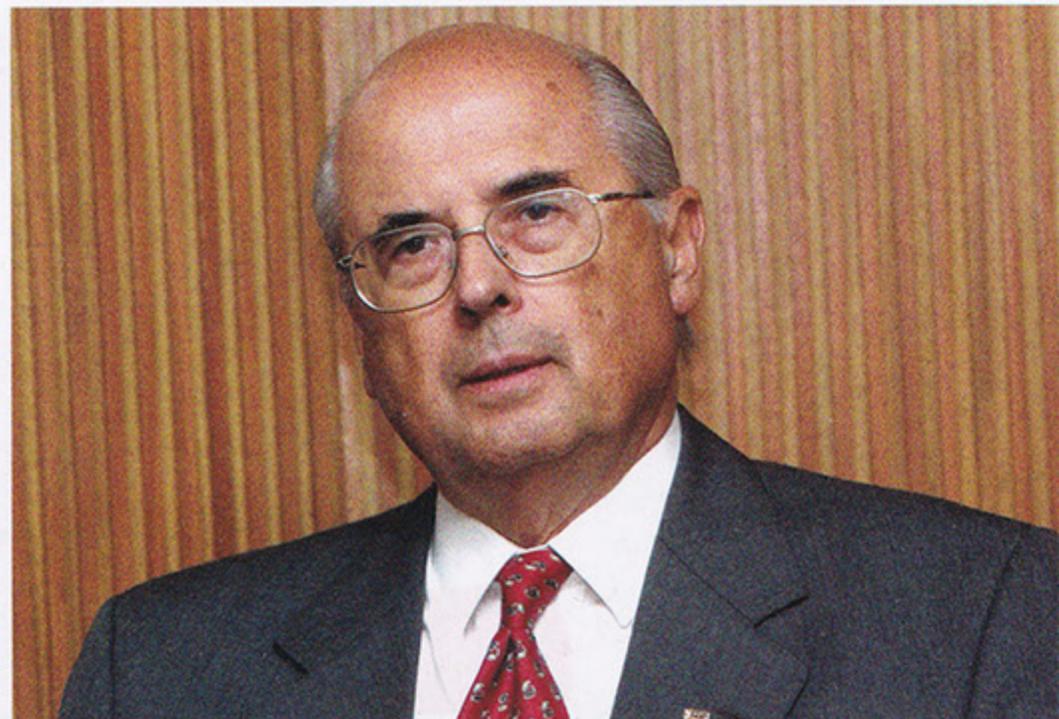
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente

A CASA ESTÁ EM ORDEM

Quantas vezes você já ouviu alguém dizendo que chegar ao lugar mais alto do pódio não é tão difícil quanto manter-se nele? No meio futebolístico, tal raciocínio faz sentido, tanto para profissionais quanto para agremiações. Pois ganha aquele que está sempre preocupado em fazer o melhor. Partindo dessa premissa, o São Paulo Futebol Clube iniciou um ciclo em 2006 tendo em mente repetir, no mínimo, os objetivos que concretizou no ano passado. Entre uma temporada e outra, no entanto, muita coisa que não estava nos planos aconteceu. Sempre almejando sua permanência nos postos mais elevados do futebol mundial, o Tricolor partiu atrás das soluções para os problemas. E, aos poucos, foi suprimindo as necessidades que apareceram.

Com a saída de Paulo Autuori, o comando técnico foi passado para as mãos de Muricy Ramalho, antigo conhecido da nação tricolor. Esse foi apenas o primeiro passo. Porque outras medidas tiveram de ser tomadas - com rapidez, responsabilidade e sensibilidade - depois da debandada quase geral do ataque. Amoroso, Christian e Grafite partiram. A alternativa era ir às compras. O Tricolor trouxe, então, Rodrigo Fabri, Alex Dias, Leandro e Lima para o setor. De olhos bem abertos no que estava rolando no mercado, continuou se reforçando. Buscou, porém, dois atletas para posições distintas. Primeiro, o zagueiro André Dias e, depois, o volante Ramalho. Somados à sólida base de 2005, esses jogadores têm tudo para fazer ótimo trabalho.

Com isso, percebe-se que o ritmo forte nunca pára nas bandas do Morumbi. Uma personalidade que exprime bem esse espírito é Marcelo Portugal Gouvêa, que, mesmo em fim de mandato depois de quatro anos, esteve firme à frente do clube. Esta edição, aliás, traz algumas das últimas realizações do mandatário – que entrou para a história como o presidente dos tricampeonatos da Libertadores e do Mundial Intoclubes – no futebol profissional. E há muito mais. Tem, por exemplo, o ex-dirigente Laudo Natel, um dos maiores são-paulinos de todos os tempos; o goleiro Bosco, que adora surfe; crônicas de Ives Gandra, Guaracy Sampaio... Divirta-se!



Imagens



RUBENS CHIRI



FIOS E CABOS



PARA NÃO PERDER O HÁBITO

Em 12 de fevereiro, o São Paulo foi ao litoral enfrentar a Portuguesa Santista. No Estádio Urbano Caldeira, na Vila Belmiro, fez 5 a 0 na Briosca. Danilo brilhou, marcando dois tentos e jogando muita bola. Mas toda a equipe teve uma apresentação digna de nota. Júnior correu, Richarlyson balançou as redes, Fabão carimbou o travessão, Leandro deu toque de calcanhar e Rogério Ceni, para não perder o hábito, promoveu belas defesas, como a deste lance. Mais uma vez, deixou o torcedor são-paulino feliz da vida, além dos fotógrafos. Que puderam registrar uma imagem e tanto!

HISTÓRIA

Em seu escritório
entre as boas
recordações



FOTOS RUBENS CHIRI

Homem de liderança

Com LAUDO NATEL no comando, o São Paulo tornou realidade um dos maiores orgulhos da nação tricolor: o Estádio do Morumbi. A seguir, o Patrono do Clube fala das conquistas que o marcaram

Por Carlos Mesquita

O São Paulo jamais seria o que é se não possuísse alguns dos maiores dirigentes da história do futebol mundial. Sua trajetória está repleta deles. São nomes dos quais a torcida tricolor nunca se esquece. No topo da lista, aparece o de Laudo Natel, homem brilhante que, ao longo de 20 anos de dedicação ao clube que tanto ama, teve a oportunidade de elevar o orgulho de ser são-paulino às alturas.

Nascido em São Manuel, foi levado aos 2 anos para Mirassol, pois seu pai, contratado para administrar uma fazenda lá, teve de mudar-se. Na cidade, numa época em que a comunicação ainda era precária, acompanhou a fundação do São Paulo pelo noticiário. Nesses tempos, tinha 10 anos. Sem receber a influência de ninguém, começou a simpatizar com aquele clube que acabara de nascer. Até então, não possuía o hábito de saber o que estava acontecendo no mundo do futebol.

Laudo Natel formou-se em Administração de Empresas e Economia e seguiu a carreira de bancário, chegando a diretor do Bradesco, cargo que ocupou por 25 anos. Morou em vários lugares até vir para São Paulo em 1945 – aliás, um ano depois, tornou-se sócio do clube. Foi também diretor da Associação Comercial de São Paulo, do Sindicato dos Bancos de São Paulo e presidente da Comissão Bancária do Conselho Monetário Nacional.

Em 1952, alguns amigos que freqüentavam o ambiente tricolor o convidaram para assumir o Departamento Financeiro, naquele instante em maus lençóis.

Ele aceitou o desafio com a condição de que ficaria apenas um ano. No entanto, atendendo a um pedido de Cícero Pompeu de Toledo, que, depois, sucumbiu a uma enfermidade, terminou permanecendo. Na sequência, ocupou a cadeira da presidência, na qual sentou-se por 14 anos.

Laudo Natel teve influência decisiva na construção do Estádio do Morumbi. O sonho da casa própria foi realizado com ele. “Recordo, com saudade, que o projeto do Estádio foi lançado na minha sala de trabalho, na diretoria do banco”, diz. Afora tudo isso, ainda foi homem público. Eleito vice-governador de São Paulo em 1962, assumiu o posto de mandatário do Estado com a destituição de Adhemar de Barros em 1966. Em sua gestão, unificou as 11 usinas hidrelétricas que originaram a CESP, Companhia Energética de São Paulo.

Em 1971, foi eleito indiretamente governador. No cargo até 1975, pôs em prática diversos projetos, como a inauguração da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) e da Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), além de prosseguir a pista ascendente da Rodovia Imigrantes e formular um plano de crescimento do Vale do Ribeira, entre outras realizações.

Como administrador nato, tem uma característica indispensável a técnicos de futebol: a habilidade para montar plantéis de trabalho. Com humildade, faz questão de dividir os louros da construção e da consolidação do estádio com seus parceiros. “É um produto de venda de idéias, mas não só minhas. Foi de uma equipe de grandes são-paulinos”,

cita Laudo Natel, cujo nome batizou recentemente o moderno Centro de Formação de Atletas, em Cotia. Na entrevista a seguir, feita por e-mail, o Patrono do Clube divide histórias sobre a epopéia do Morumbi e de sua trajetória de vida com a nação tricolor que tanto o admira e respeita.

De que forma nasceu seu vínculo com o São Paulo?

Costumo dizer que sou são-paulino por geração espontânea, pois não tive qualquer tipo de influência. Passei a me interessar por futebol quando surgiu o São Paulo. Morando no Interior do Estado até o fim do ano de 1945, acompanhava a distância a trajetória do clube. Chegando à capital, uma das primeiras coisas que fiz foi me tornar associado.

O senhor entrou no

São Paulo em 1952 pelas portas do Departamento Financeiro num momento em que o clube não estava bem de dinheiro. Como se desenrolou essa história?

O São Paulo de 1952 vivia difícil situação financeira. Então um grupo de amigos comuns meus e do saudoso Cícero Pompeu de Toledo entendeu que eu deveria assumir a parte financeira, não apenas por ser associado e torcedor, mas principalmente por ser ligado às finanças, pois eu era diretor de banco.

O senhor tinha a pretensão de passar apenas um ano no São Paulo. O que o fez permanecer por mais 19?

Pretendia ficar apenas um ano no Departamento Financeiro. Permaneci por insistências de Cícero e, depois, até por solidariedade a ele, que foi atingido por

“Recordo, com saudade, que o projeto do estádio foi lançado na minha sala de trabalho, na diretoria do banco”

uma enfermidade. Acabei sendo escolhido presidente. Ao todo, fui dirigente durante 20 anos.

O senhor acompanhou a construção do estádio do primeiro ao último tijolo. O que mais o emocionou nessa saga de grandes esforços?

Recordo, com saudade, que o projeto do estádio foi lançado na minha sala de trabalho, na diretoria do banco. Momentos de muita luta e perseverança marcaram minha vida no São Paulo. O estádio é um produto de venda de idéias, mas não só minhas. Foi de uma equipe de grandes são-paulinos.

De que maneira o senhor conciliava vida pessoal e profissional com suas responsabilidades para com o clube?

Costumo dizer que só os homens ocupados têm tempo para alguma coisa. Ao longo da minha trajetória de vida, sempre tive sucesso escolhendo para companhia os homens ocupados.

Muitos rivais dizem que o São Paulo construiu o Estádio do Morumbi porque o clube haveria recebido do Governo do Estado a maior parte do terreno que abriga o Cícero Pompeu de Toledo e seu complexo social. O senhor, entretanto, já explicou que o Tricolor nunca foi beneficiado pelo poder público. Poderia elucidar, mais uma vez, como aconteceu essa transação?

O terreno do Morumbi, em parte, foi obtido pela cessão que a prefeitura fez ao clube, abrindo mão de uma praça, cuja área era de 100 mil metros, que estava prevista no plano de loteamento. O Estádio a substituiu. Outra parte, que totalizou 25 mil metros, foi comprada pelo São Paulo e uma última foi

doada pela Aricanduva, empresa loteadora, que estava interessada no desenvolvimento da região.

A construção do Morumbi foi complicada, tanto que a prefeitura teria se oferecido para terminá-lo. Em troca, cederia o Estádio do Pacaembu. Apesar de ser ótima solução financeira, o senhor não aceitou e argumentou que o sonho do são-paulino não caberia no Pacaembu. Isso, de fato, aconteceu?

A troca do Estádio do Morumbi, que teve construção lenta e difícil, pelo Pacaembu foi apenas uma idéia, mas não chegou a ser

proposta por ninguém. Consultado sobre o assunto, lembro ter dito que o sonho do São Paulo não cabia no Estádio do Pacaembu. O Morumbi consolidou o Tricolor e proporcionou o alargamento dos horizontes econômicos do futebol do Estado, principalmente numa época em que a receita do clube, e dos clubes, era essencialmente a bilheteria, sem os recursos diversos de hoje.

Pode-se dizer que a história do Bairro do Morumbi confunde-se com a do Estádio Cícero Pompeu de Toledo?

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo é, realmente,

pioneiro na região. A história do bairro se confunde com a do clube. Essa é a razão principal pela qual a futura estação do Metrô no Morumbi levará o nome do São Paulo.

Existe algo que o senhor gostaria de ter realizado, mas que, por algum motivo, não concretizou?

Não. Um clube, como tudo na vida, não é imutável. Ninguém, por outro lado, deve ser considerado realizado quando tanta coisa resta por fazer ou aperfeiçoar. Todavia, deixei a direção do São Paulo com a sensação de dever cumprido e a alegria de ter feito tantos amigos no meio esportivo.

Os prazeres e as decepções de um dirigente de futebol aproximam-se daquilo que todos os torcedores sentem?

O dirigente é um apaixonado como qualquer torcedor, pois, do contrário, não seria dirigente. O que me levaria, por exemplo, a dedicar 20 anos de trabalho, sem remuneração, enfrentando batalhas e dificuldades, se não fosse a paixão? Todavia, para dirigir, na hora das decisões, o importante é não deixar a paixão superar a razão.

O São Paulo é a potência de hoje graças a cabeças privilegiadas de homens que, assim como o senhor, enxergaram muito além dos outros. Quem são as personalidades que o senhor destaca nessa longa jornada são-paulina?

Tive tanta ajuda de tantos são-paulinos devotados e competentes que não ousaria citar nomes para, involuntariamente, cometer omissões. O São Paulo cultivava muita gratidão. Grandes vultos do clube têm o nome gravado nas dependências dele.

O nome de Cícero Pompeu de Toledo, que foi um grande dirigente, batiza um dos maiores bens do

“ O que me levaria, por exemplo, a dedicar 20 anos de trabalho, sem remuneração, enfrentando batalhas e dificuldades, se não fosse a paixão? ”

“Os jogadores que passaram e que estão no São Paulo são figuras tão queridas que parecem pertencer à própria família da gente”



HOMENAGEM
Seu nome batiza
o CT destinado às
categorias de base
do clube

clube. E, agora, o do senhor acabou de ser eternizado dessa mesma forma com o Centro de Formação de Atletas Laudo Natel. Que sensação esse fato causou-lhe?

Recentemente, recebi do clube, do qual já tenho com muita honra o título de Grande Patrono, a homenagem de ter meu nome no moderno Centro de Formação de Atletas (CFA). É a homenagem que recebo da minha gente e que fala muito de perto à minha sensibilidade.

O senhor viu praticamente todas as glórias da equipe do Morumbi. Qual delas o marcou mais?

Todas as conquistas do São Paulo me marcaram. O bicampeonato após 18 anos de lutas na construção do Estádio, os títulos nacionais e internacionais conseguidos depois e agora o expressivo tri mundial. Além do brilho em outros esportes que o São Paulo pratica.

Não vou pedir que o senhor diga quem foi o melhor jogador do São Paulo de todos os tempos, mas vou perguntar qual deles mais o encantou?

Novamente, prefiro não mencionar nomes. Os jogadores que passaram e que estão no São Paulo são figuras tão queridas que pa-

recem pertencer à própria família da gente.

Muita gente diz, sobretudo das gerações mais experimentadas, que o grande rival do São Paulo, na capital, é o Palmeiras e não o Corinthians. O senhor concorda com essa opinião?

O futebol vive de rivalidades. É a rivalidade sadia que o sustenta. Para ser grande, o São Paulo tem que competir com outros grandes. Qual o maior rival? Normalmente, é aquele que está em evidência em determinado momento. Pode ser o Palmeiras. Pode ser o Corinthians.

O senhor, se fosse o técnico da seleção brasi-

leira, levaria Rogério Ceni para a Copa do Mundo?

Certamente, levaria Rogério Ceni, não apenas por ser do São Paulo, mas, sobretudo, por ser o grande goleiro que é. Além de líder.

O que o São Paulo tem de fazer para manter-se na galeria de grandes campeões do mundo?

O que está fazendo. Procurando melhorar, dia a dia, seu plantel com jogadores à altura de integrar a equipe sem designar titulares e reservas. Ter no elenco a possibilidade de variar a equipe de acordo com a circunstância dos torneios e dos jogos. E perseverar, e lutar.

CONHEÇA O 'PÁTIO DOS MILAGRES' DA

Com uma estrutura de fazer inveja a poderosos clubes da Europa, o Reffis (Reabilitação Esportiva, Fisioterápica e Fisiológica) do São Paulo é procurado por craques da Seleção Brasileira, atletas de outras modalidades esportivas e até por empresários como Antônio Ermírio de Moraes, que escolheu o local para cuidar de

Kanu é Renato Francisco Alberto, 19 anos, atacante dos juniores do São Paulo. Antônio Ermírio de Moraes, 77, é ele mesmo. O maior empresário do Brasil. Diferentes em tudo - cor da pele, idade, sonhos, preocupações... - igualam-se algumas horas por dia quando o assunto é joelho. O local onde opositos tão grandes se atraem é o Reffis (Reabilitação Esportiva, Fisioterápica e Fisiológica) do São Paulo, localizado no Centro de Treinamentos. Deitados em camas iguais, uma ao lado da outra, recebem igual atenção de Luiz Alberto Rosan, 50 anos, fisioterapeuta do São Paulo, responsável pelo tratamento deles e de uma verdadeira Seleção Brasileira. Não houve opção de Kanu pelo Reffis. Jogador do clube, não haveria motivo para se tratar em outro lugar. O que impressiona é o entusiasmo de Antônio Ermírio, um dos responsáveis pela manutenção do Hospital Beneficência Portuguesa. "Estava com problemas no joelho e procurei uma indicação com os meus médicos. Foi unânime: todos disseram que o Reffis era o melhor. E estou muito contente com a opção que fiz."

terapeutas conhecem. Máquinas que toda academia tem. Por que o Reffis é, então, referência internacional há três anos? "Isso você tem de perguntar a outras pessoas, a quem se trata aqui. O que eu posso dizer é que temos uma equipe de ótimos profissionais." O zagueiro André Dias - não o titular da equipe e sim um homônimo - conta por que está se tratando no São Paulo. "Eu conheço o Rosan desde que trabalhamos juntos no Santos, em 2001. Nunca faço nada sem falar com ele. Recebi orientação de outros médicos de que deveria operar o joelho. Conversei com ele e optamos por fisioterapia. Nem vai ser preciso operar", diz o zagueiro, que estava no Paraná Clube no ano passado e que atualmente está sem vínculo com outro clube. Um dos mais importantes parceiros de Rosan na implantação do Reffis é o médico Marco Aurélio Cunha, também superintendente de futebol. "Conheço o Marco Aurélio desde os anos 80 e temos muito em comum. Nós somos modernos, temos idéias avançadas e não temos medo de ousar. Ele me



PACIENTE ILUSTRE: Antônio Ermírio faz tratamento no Reffis ao lado de jogadores como Maurinho (ao fundo), que passou por cirurgia no joelho

Pensando grande, o São Paulo prepara a construção de um Reffis ainda mais bem equipado no CT da garotada em Cotia

A edição de 6 de março do *Jornal da Tarde* destacou o REFFIS, Núcleo de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica do SPFC; na foto, o empresário Antônio Ermírio, um dos responsáveis pela manutenção do Hospital Beneficência Portuguesa, fazendo tratamento no joelho

“O Rogério precisa ser convocado para a seleção. Não para fazer parte do grupo, mas para ser titular no lugar do Dida”

MARCELO ROSSI, padre, após a partida entre Bicampeões Mundiais X Masters do SPFC, realizada antes do jogo entre Tricolor e Juventus, pelo Campeonato Paulista; ele esteve presente para benzer os atletas e o estádio
(Folha Online em 25/01)

“Sim, o Corinthians não tinha Carlitos Tevez, seu principal jogador, machucado. Mas o São Paulo não tinha nem Lugano nem Fabão nem Júnior. E jogou como se os tivesse”

JUCA KFOURI, jornalista, em sua coluna na *Folha de S. Paulo* um dia depois da vitória do São Paulo sobre o Corinthians por 2 a 1, em 12 de março, pelo Campeonato Paulista

L Lance! o diário das esportes
RS 1,25

Goleada rumo à liderança
SANTOS fica a dois pontos do São Paulo. Conta bolha e logo principal. PÁGS. 18 e 19

MARCINHO diz ao LANCE!:
“O Palmeiras hoje não perde para ninguém”
PÁGS. 4 a 7

SOMOS IMBATÍVEIS

Alex Dias no clássico
ALZANTER Diego e Tricolor briga incrível para enfrentar o Palmeiras. PÁGS. 8 e 9

Dualib é reeleito
PRESIDENTE vence eleição no Tricolor, mas jura não renunciar. PÁGS. 12 a 13

REPRODUÇÃO LANCE!

MARCINHO, meia do Palmeiras, antes do clássico entre SÃO PAULO e o time do Parque Antártica, vencido pelo Tricolor por 4 a 2
(Lance! de 03/02)

otina dura

Tratamento em período integral

Não é fácil a vida de um jogador com contusão grave como a que foi constatada no joelho direito de Maurinho, que o São Paulo trouxe do Cruzeiro. Ele faz sete horas diárias de exercício. Com isso, talvez consiga abreviar sua volta, prevista para daqui a dez meses. "O Maurinho está internado aqui no Centro de Treinamentos. Ele dorme, toma café, almoça e trabalha. Isso é fundamental para que o tratamento seja bem feito", conta Rosan. Ele chega às 9h para o início dos trabalhos. Faz exercícios de eletroterapia (tratamento de choque para estimular grupos musculares) por 40 minutos. A segunda etapa baseia-se em cinesioterapia. São exercícios para todos os grupos musculares, que duram uma hora e meia. "Nessa etapa, são poucos pesos que ele levanta", diz Rosan. Já são 11h e começa a sessão de crioterapia, nada mais do que gelo em grande quantidade no joelho. São 25 minutos para anestésiar o

local. A última etapa do trabalho matinal trata da amplitude de movimentos. É necessário fazer levantamento de peso desde zero até 100 graus. É meio-dia, hora de descanso e de almoço. Maurinho volta ao trabalho às 14h. "Então, tudo o que foi feito é repetido, com uma ou outra mudança. Esse é o plano de trabalho para os primeiros 80 dias. Depois é feita uma avaliação e vamos ver como o tratamento segue."

O fisioterapeuta Ricardo Sasaki, que faz parte da equipe do Reffis, juntamente com Carlos Alberto Pesinotti (o ex-jogador Betinho, do início dos anos 90), Alessandro Pereira da Silva e Roberta Rosas,

responsável pela hidroterapia, considera o trabalho multidisciplinar como um dos fatores que explicam o sucesso do Reffis.

"Curar não é tão difícil, o principal é o trabalho de prevenção. Para isso, trabalhamos todos juntos, a fisioterapia, o treinador, os preparadores físicos e os médicos. Todo jogador que chega faz exames médicos e depois um teste isocinético, que mede força e equilíbrio. Com esse perfil traçado, passamos os dados para os preparadores físicos e para o analista de desempenho, já com as determinações do que deve ser feito a partir de então."

Sasaki explica também que os profissionais do São Paulo buscam um contato constante com

profissionais de outros clubes.

"Tomamos decisões em conjunto no São Paulo e também vamos atrás de troca de informações com outros profissionais da área. Queremos novidades na execução dos exercícios, tudo o que possa ajudar o jogador que se trata aqui a se recuperar o mais rápido possível."



MAURINHO tenta acelerar a volta ao futebol

REPRODUÇÃO JORNAL DA TARDE

“Curtir a vitória de seu time num clássico diante de um rival tradicional é um dos maiores prazeres que se pode obter com essa fantástica fábrica de emoções que é um campeonato de futebol”

NANDO REIS, músico, cantor, compositor e articulista, falando do jogo entre São Paulo e Corinthians em sua coluna de *O Estado de S. Paulo* de 16 de março

E4 | ESPORTES | QUARTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2006 | O ESTADO DE S. PAULO

NA TERRA DO TIO SAM

Um brasileiro bom de bola encanta os Estados Unidos

Paulinho Nagamura, volante de 22 anos que surgiu nas categorias de base do São Paulo, na mesma turma de Kaká, defende o Los Angeles Galaxy, faz sucesso e é comparado a Dunga

Marco Justo Losso

O Brasil continua contribuindo para o crescimento do futebol nos Estados Unidos. Primeiro com Pelé e a aventura no Cosmos. Depois, com a seleção de Parreira que conquistou o tetracampeonato na Copa realizada nas terras do Tio Sam. Agora, é a vez de um volante revelado na mesma turma de base do São Paulo de onde saiu Kaká. Paulo Nagamura, de 22 anos, encanta os americanos - chegou a ser comparado com Dunga - e mantém o desempenho dos craques brasileiros no exterior.

Nagamura ajudou o Los Angeles Galaxy a levar o título americano na última temporada, a MLS, assim como a US Open Cup, uma espécie de Copa dos EUA. "A nossa chance agora é levar a Copa da Concacaf e disputar o Mundial no Japão", diz, confiante, Paulinho, como é conhecido. "Também vamos disputar a Copa Sul-Americana no segundo semestre."

Ele começou a carreira internacional no Arsenal, quando o São Paulo excursionou pela Europa e bateu os ingleses por 4 a 1. Nagamura foi contratado com Juan, hoje no Flamengo, em 2001. Ficou alguns meses no time B do Arsenal e foi para o Galaxy. Hoje, joga ao lado de Marcelo Galo, ex-Náutico, e de dois jogadores da seleção americana: Cobi Jones e Donovan.

Sobre a evolução do futebol nos EUA, o brasileiro afirma que várias equipes se modernizaram e já têm estádios próprios. E faz um alerta à seleção brasileira. "Eu não me surpreenderia se eles (EUA) fossem mais longe do que em 2002 (chegaram às quartas-de-final). Há jogadores bons na Liga, o

atuam na Europa, como o Keller (goleiro do Borussia Mönchengladbach) e o Reyna, na Inglaterra." Nagamura ainda não pensou na hipótese de atuar pela seleção americana. "Seria uma oportunidade única, é para se pensar."

EUROPA, JAPÃO OU BRASIL Com passaporte italiano, Nagamura afirma que pretende ficar mais uma temporada no futebol norte-americano e depois se transferir para algum clube da Europa ou do Japão. Segundo ele, os salários na MLS são bons, mas nada comparável aos do futebol europeu. "O Donovan deve tirar uns US\$ 900 mil por ano. Mas ele é um dos mais bem pagos", confidencia Paulinho. "Prefiro tentar a Itália, a Espanha, Portugal ou até mesmo Japão e Coreia." O Brasil também não está fora dos planos do volante. "Se a proposta for boa, posso voltar."

Apesar do olhar em direção ao mercado externo, ele vive uma boa fase no Galaxy. "Tem até placa com meu nome. Não sei se tenho fã clube, mas o Galaxy tem torcida organizada."

Com estrutura invejável no clube - são seis gramados à disposição -, Nagamura revela que mesmo com evolução considerável nos últimos anos, o futebol nos Estados Unidos ainda necessita de algumas conquistas. "No Brasil, a gente treina mais fundamentos, aqui eles treinam diferente. Não são tão especializados", ressalta.

O Los Angeles Galaxy é treinado por Steve Sampson, que já dirigiu a seleção dos Estados Unidos e a da Costa Rica. O campeão americano se prepara agora para encerrar o Saprissa, atual campeão da Conca-



“Se contratarem o Paulo Autuori, vão mostrar outra vez que o São Paulo acertou antes”

MARCO AURÉLIO CUNHA, superintendente de Futebol, no Painel FC da *Folha de S. Paulo* de 15 de março, a respeito do desejo corintiano em ter o ex-comandante são-paulino

“Os dois (Thiago e Alex Dias) crescem com o Aloísio em campo. Ele é um jogador de choque, um atleta de Libertadores e tem a minha confiança

MURICY RAMALHO, técnico (*Gazeta Net* em 9 de março)

Em 22 de março, o jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe matéria com o garoto **PAULINHO NAGAMURA**, que hoje faz muito sucesso nos EUA, onde defende o Los Angeles Galaxy. O volante de 22 anos surgiu nas categorias de base do **TRICOLOR** junto com Kaká

REPRODUÇÃO O ESTADO DE S. PAULO

Foi dada a largada

O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, além de manter-se atento a seus adversários, aposta na mistura de jogadores fortes, técnicos e experientes para conquistar o tetracampeonato da Libertadores



FOTOS RUBENS CHIRI

Por Malú Souza
Colaborou Carlos Mesquita

O campeão está de volta. E com força máxima, pronto para driblar os adversários da Copa Libertadores da América, o campeonato de clubes mais respeitado do continente. O status de atual vencedor garante ao time do Morumbi moral extra. No entanto, o elenco está consciente de que precisará encarar com garra e disposição equipes que jogam de maneira aguerrida. Bons exemplos não faltam. Pela primeira fase, até o fechamento desta edição, o São Paulo já havia encarado todos de seu grupo: o Caracas, da Venezuela; o Cienciano, do Peru; e o Chivas, do México. Foram duas vitórias e uma derrota.

Mesmo com toda a experiência em jogos internacionais, passar pelos primeiros oponentes não é tão

simples quanto parece. É claro que o Tricolor possui a vantagem de ter levantado a taça três vezes nas 11 edições de que participou, mas cada um de seus rivais tem características peculiares que podem dificultar a vida de qualquer agremiação. "Jogam na Libertadores times que costumam marcar em cima. As partidas são de muita

pegada", destaca Muricy Ramalho, técnico que assumiu o time com a saída de Paulo Autuori. Apesar de algumas mudanças, a base de 2005 permanece. "A equipe sofreu algumas baixas. Ganhou, porém, jogadores que se encaixaram perfeitamente no esquema tático e que têm perfil certo para essa disputa. No torneio, a experiência é funda-

mental e será nosso ponto de destaque. É uma competição dura, completamente diferente do Brasileiro."

O auxiliar-técnico Milton Cruz é um dos profissionais do clube que sempre estão antenados ao que acontece no mundo do futebol. De acordo com ele, os novos jogadores não foram contratados por acaso. "Escolhemos atletas

participantes

Grupo 1

São Paulo (BRA)
Chivas (MEX)
Cienciano (PER)
Caracas (VEN)

Grupo 2

Santa Fé (COL)
Bolívar (BOL)
Estudiantes (ARG)
Sporting Cristal (PER)

Grupo 3

Goiás (BRA)
Newell's Old Boys (ARG)
The Strongest (BOL)
Unión Española (CHI)

Grupo 4

Univ. Católica (CHI)
Corinthians (BRA)
Tigres (MEX)
Deportivo Cali (COL)

Grupo 5

Vélez Sarsfield (ARG)
LDU (EQU)
Universitário (PER)
Rocha (URU)

Grupo 6

Internacional (BRA)
Maracaibo (VEN)
Nacional (URU)
Pumas (MEX)

Grupo 7

Cerro Porteño (PAR)
Palmeiras (BRA)
Atlético Nacional (COL)
Rosário Central (ARG)

Grupo 8

Libertad (PAR)
Paulista (BRA)
El Nacional (EQU)
River Plate (ARG)



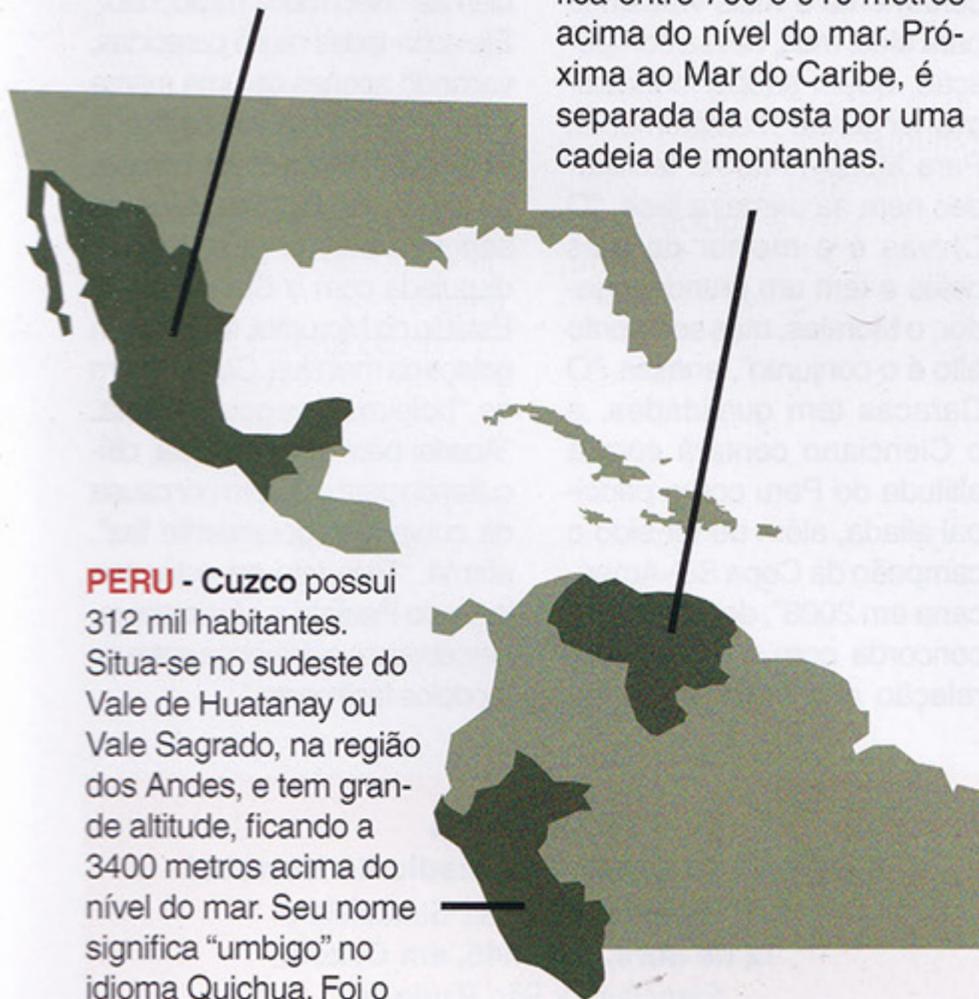
NA VEIA
Thiago fez um golão
contra o Cienciano

os lugares

MÉXICO - Guadalajara é a capital do Estado de Jalisco. Localiza-se num planalto a 1500 metros de altitude. É, muitas vezes, chamada de "Perla del Occidente" em virtude de seu clima e atmosfera agradáveis. Fundada em 1542, é um importante centro comercial e industrial.

VENEZUELA - Caracas foi a cidade onde o São Paulo estreou este ano. É a capital da Venezuela. Localiza-se ao norte do país, seguindo os contornos de um estreito vale. O clima local é temperado. A área urbana fica entre 760 e 910 metros acima do nível do mar. Próxima ao Mar do Caribe, é separada da costa por uma cadeia de montanhas.

PERU - Cuzco possui 312 mil habitantes. Situa-se no sudeste do Vale de Huatanay ou Vale Sagrado, na região dos Andes, e tem grande altitude, ficando a 3400 metros acima do nível do mar. Seu nome significa "umbigo" no idioma Quichua. Foi o mais importante centro administrativo e cultural do Império Inca.



jogos

Estréia

CARACAS 1 X 2 SÃO PAULO

CARACAS - Toyo; Olivares (Casanova), Rey, Vizcarrondo e Rouga; González, Vera, Rojas (Depablos), Jiménez e Guerra; Carpintero (Serna) **Técnico:** Noel Sanvicente

SÃO PAULO - Bosco; Edcarlos, Alex e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Ramalho) e Júnior; Aloísio e Alex Dias (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Danilo aos 36min do primeiro tempo; Aloísio aos 17min e Rey aos 37min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Vera e Rey; André Dias e Bosco **Árbitro:** Albert Duarte (COL) **Auxiliares:** José Buitrago e José Navia (COL) **Data:** 01/03 **Local:** Estádio Brígido Iriarte, Caracas (VEN)

2º Partida

SÃO PAULO 4 X 1 CIENCIANO

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão (Edcarlos), Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior (Richarlyson); Aloísio e Alex Dias (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

CIENCIANO - Ibáñez; Huertas (Butron), Lugo, Villalta e Guizasola; Ferrari, Bazalar, De la Haza (Mostto), Salas (Torres) e García; Roberto Silva **Técnico:** Wilmer Valencia

Gols: Fabão aos 2min, Alex Dias aos 20min e Roberto Silva aos 30min do primeiro tempo; Thiago aos 21min e Souza aos 31min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Souza, Fabão e Josué; Roberto Silva, De la Haza e Butron **Árbitro:** Martín Vázquez (URU) **Auxiliares:** Olivier Viera e Maurício Espinoza (URU) **Data:** 08/03 **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

3º Partida

CHIVAS GUADALAJARA 2 X 1 SÃO PAULO

CHIVAS GUADALAJARA - Sánchez; Rodríguez, Reynoso e Salcido; Martínez, Araújo, Pineda, Morales (Barrera) e Santana (Medina); Bautista (García) e Omar Bravo **Técnico:** José Manuel de La Torre

SÃO PAULO - Rogério Ceni; Fabão (Leandro), Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Richarlyson; Thiago e Aloísio (Alex Dias) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Danilo aos 25min e Bautista aos 39min do primeiro tempo; Omar Bravo aos 23min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Barrera e Omar Bravo; Aloísio **Árbitro:** Rubén Selman (CHI) **Auxiliares:** Eduardo Ponce e Lorenzo Acuña (CHI) **Data:** 21/03 **Local:** Estádio Jalisco, Guadalajara (MEX)



ARQUIBANCADA CHEIA
E a torcida já começou
a lotar o Morumbi

adversários da primeira fase

CHIVAS GUADALAJARA (MÉX)

Nome: Club Deportivo Guadalajara S.A. de C.V.
Cidade: Guadalajara
Fundação: 26/08/1914
Títulos: 10 (locais)
Estádio: Jalisco
Capacidade: 60 mil espectadores
Técnico: José Manuel de La Torre
Destaque: Oswaldo Sánchez



Equipe com maior torcida de seu país, o Chivas Guadalajara conta apenas com jogadores mexicanos, como manda seu estatuto. Semifinalista da Libertadores em 2005, o time tem a base da seleção do México e vem com moral após passar pelo Colo Colo, do Chile, na fase preliminar. Entre seus destaques, estão os selecionáveis Sánchez, Salcido, Bravo, Morales, Pineda e Medina.

CARACAS (VEN)

Nome: Caracas Fútbol Club
Cidade: Caracas
Fundação: 1980
Títulos: 10 (locais)
Estádio: Olímpico de la Universidad Central de Venezuela
Capacidade: 25 mil espectadores
Técnico: Noel Sanvicente
Destaque: José Manuel Rey



Time que, na Libertadores, sempre vai mal. Mais uma vez, o Caracas não deverá ir longe na competição. No comando desde 2003, Noel Sanvicente aposta em jogadores da seleção venezuelana, como Vizcarrondo, Rouga e Rey, além de acreditar muito no potencial do colombiano Wilson Carpintero (*ex-Millonarios, da Colômbia*), contratado para o lugar do brasileiro Rodrigo Teixeira, agora no futebol alemão.

CIENCIANO (PER)

Nome: Club Sportivo Cienciano
Cidade: Cuzco
Fundação: 08/07/1901
Títulos: 2 (locais) e 2 (internacionais)
Estádio: Inca Garcilaso de la Vega
Capacidade: 20 mil espectadores
Técnico: Wilmer Valencia
Destaque: Oscar Ibáñez



Surpreendente campeão da Copa Sul-Americana de 2003, o Cienciano quer voltar aos tempos de glória. O clube, para isso, trocou o técnico o uruguaio Carlos Jurado pelo peruano Wilmer Valencia, campeão do Apertura de 2005. Também contratou quase um time inteiro. Estão, entre as novidades, o atacante argentino Lagorio, artilheiro do Clausura 2005; e o volante colombiano Valentierra, campeão da Libertadores de 2004 pelo Once Caldas. Dos remanescentes, o destaque vai para o atacante Mostto, artilheiro do ano no Peru, com 18 gols; e para o goleiro Ibáñez, titular da seleção.

fisicamente fortes e competitivos. Procuramos aliar essas características à técnica. São qualidades fundamentais para a Libertadores", observa. O atual elenco são-paulino, exceção feita a algumas "peças" que chegaram recentemente, treina junto há aproximadamente dois anos. Durante esse período, conquistou títulos importantíssimos e, até em virtude disso, será ainda mais visado por seus rivais. "Haverá muita cobrança em cima do São Paulo nesse campeonato. Todos querem ganhar do atual campeão. Ao mesmo tempo, demonstram certo respeito, o que é bom para nós", completa Cruz.

OS OUTROS

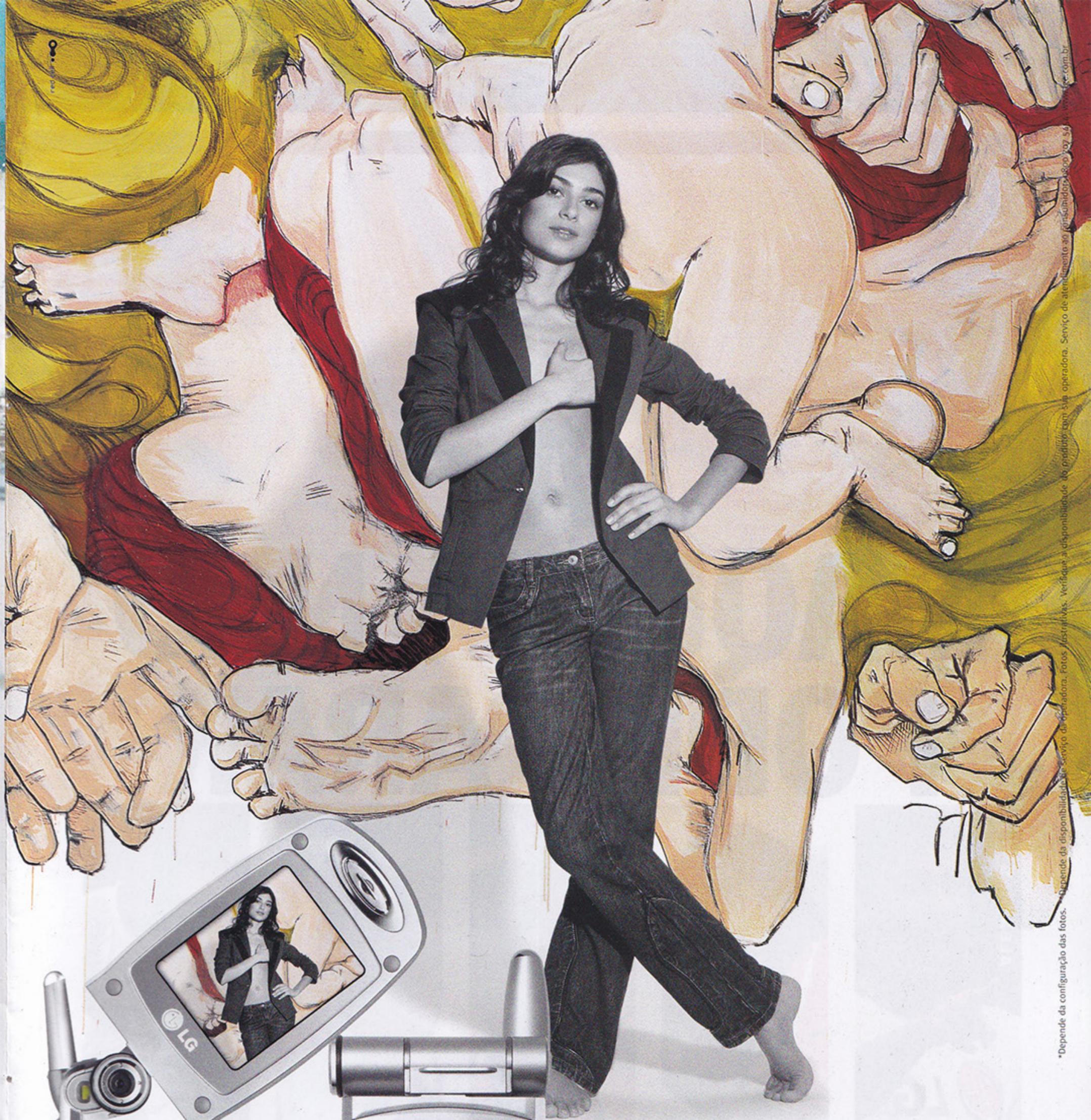
Afora conhecer bem os jogadores da "casa", Cruz procura observar atentamente os dos outros times. "Sempre vou aos jogos para ver o desempenho dos nossos adversários e saber quais são suas características", revela. "Teremos de jogar fora, o que certamente é mais vantajoso para eles, mas, nessa competição, quem souber conduzir melhor ganha", complementa. Para Muricy, não há facilidades nem na primeira fase. "O Chivas é o melhor do país deles e tem um grande jogador, o Morales, mas seu ponto alto é o conjunto", analisa. "O Caracas tem qualidades, e o Cienciano contará com a altitude do Peru como principal aliada, além de ter sido o campeão da Copa Sul-Americana em 2003", detalha. Cruz concorda com o técnico em relação aos mexicanos. Na

ótica do auxiliar, é o mais perigoso dos três companheiros de chave. "Deve classificar-se para a próxima fase." Quanto aos embates que vão ocorrer em elevadas altitudes, acredita que o desempenho possa ser prejudicado. Contudo, destaca a arma dos paulistas: "Temos um conjunto bom e contaremos com a experiência".

Com todos esses obstáculos, a Libertadores ainda tem um diferencial que, às vezes, pode jogar a favor ou contra. Trata-se da bola, especialmente confeccionada para a competição. Mais leve e lisa que as tradicionais, incomoda os goleiros. "Varia e oscila bastante. Foi pensada para que se façam gols e não para que sejam evitados", declara Rogério Ceni. "Nos últimos anos, tem sido desenvolvida para quem chuta e não para quem defende." Mas, na condição de especialista em cobranças de falta, avalia com otimismo a questão. "É muito boa de bater", garante o camisa um. Sob o ponto de vista do atacante Leandro, não há problemas. "Não muda muito, não." Ele acha todas muito parecidas, variando apenas de uma marca para outra. "Mas não é nada que incomode." Thiago, outro homem de frente, não reclama. Aliás, na segunda partida pelo torneio, disputada com o Cienciano, no Estádio do Morumbi, marcou um golaço da meia-lua. Como dizem os "boleiros", pegou na veia. "Acertei bem no meio dela, dificultando para o goleiro por causa da curva que geralmente faz", afirma. "Pelo fato de estarmos jogando Paulista e Libertadores, percebemos a diferença entre os modelos facilmente."

TOME NOTA

5 de abril, às 21h45, no Estádio do Morumbi
 São Paulo FC x Chivas Guadalajara
12 de abril, às 19h45, em Cuzco
 Cienciano x São Paulo FC
20 de abril, às 22h, no Estádio do Morumbi
 São Paulo FC x Caracas FC



Agora, sua voz
também é fotogênica.



G7100. Você com liberdade de expressão.
Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



*Depende da configuração das fotos. **Depende da disponibilidade do serviço da operadora. Fotos ilustrativas. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 800 707 56 11. www.lg.com.br

A
MÁQUINA NÃO
PODE PARAR



FOTOS RUBENS CHIRI

Entre o fim da temporada passada e começo desta, o clube do Morumbi perdeu jogadores importantes, além de seu comandante. Mas, com rapidez, contratou reforços à altura, que, junto com a base de 2005, devem dar muitas alegrias à torcida

TEXTO POR RAFAEL FURUGEN

Campeonato Paulista, Copa Libertadores da América e Mundial Interclubes da Fifa. Estas foram as competições nas quais o São Paulo Futebol Clube brilhou em 2005. O Tricolor terminou o ano no topo. No mercado sul-americano, porém, os troféus tornam as equipes vulneráveis quanto à manutenção de profissionais. Afinal, o braço-de-ferro com agremiações endinheiradas é praticamente iminente. E foi esse o contratempo que o clube teve de driblar para iniciar a temporada atual mantendo o time num patamar elevado. A diretoria, no entanto, agiu rápido e contratou peças de qualidade.

O primeiro que disse "adeus" foi Cicinho. Mesmo negociado com o Real Madrid no meio de 2005, o lateral-direito permaneceu no Morumbi por um bom tempo. Disputou partidas do Campeonato Brasileiro e do Mundial Interclubes. Depois foi a vez de Paulo Autuori. O comandante dos "tricampeonatos" recebeu proposta, que considerou irrecusável, do Kashima Antlers e mudou-se para o Japão.

O ataque, entretanto, foi o setor que mais baixas teve. Amoroso, principal referência na frente, assinou contrato com o Milan, da Itália. A diretoria ofereceu-lhe muitas alternativas, mas ele preferiu partir. Grafite trilhou caminho semelhante, pois foi para o Velho Continente atuar no Le Mans, equipe da Primeira Divisão do Campeonato Francês. Christian, que jogou poucas vezes durante a temporada passada, rescindiu contrato com o Tricolor. Foi defender as cores do Botafogo do Rio de Janeiro.

Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do São Paulo Futebol Clube, já esperava alguns desfalques. Sabendo disso, no fim de 2005, anunciou que aproveitaria a situação que se esboçava para montar um plantel competitivo. A intenção era manter-se na disputa de todos os títulos possíveis. "Quero uma equipe com 22 titulares. Quando um não puder jogar, entra o outro e o nível permanece", disse e cumpriu. Para a temporada 2006, o elenco ganhou, até o fechamento desta edição, sete reforços.

O primeiro a desembarcar foi Muricy Ramalho. Em 2005, o treinador comandou o Internacional, levando os gaúchos à segunda posição no Campeonato Brasileiro. O técnico é um velho conhecido do Tricolor, clube em que despontou para o futebol. Além disso, já o havia dirigido algumas vezes na década de 1990. Numa dessas passagens, faturou a Conmebol. Também foi o responsável por lançar Rogério Ceni no time principal em 1996.

CONTRATAÇÕES DE PESO

Rodrigo Fabri, que defendeu clubes como Portuguesa, Grêmio, Real Madrid e Atlético-MG, foi o primeiro atleta contratado. "A responsabilidade de defender esse clube é enorme. Os jogos são sempre mais difíceis, mas tenho certeza de que, no São Paulo, poderei mostrar todo o meu futebol", disse. Depois, o zagueiro André Dias não demorou para aportar. Uma das revelações do Brasileirão de 2005, ele sabe que será difícil garantir um lugar entre os titulares, mas isso não o desanima. "Todos querem seu espaço e eu não sou diferente."

O volante Ramalho acertou seu retorno. Em sua segunda passagem, quer destacar-se. "Vou procurar treinar e conquistar o meu espaço. Tenho um respeito enorme por Mineiro e Josué,

que estão jogando muita bola. Tem também o Denilson, que já não é uma promessa. Mas quero trabalhar para ficar à disposição", afirmou.

Por conta da necessidade, o ataque foi o setor que mais ganhou reforços. Alex Dias, torcedor declarado do Tricolor, veio do Vasco da Gama com fama de artilheiro. "O São Paulo sempre me deu alegrias e agora espero também conseguir isso como jogador. Venho pensando em títulos." Sua estréia não poderia ter sido melhor: 4 a 2 contra o Palmeiras. Aliás, foi dele o passe para o gol de Danilo.

Outro reforço oriundo do futebol carioca é Leandro. Com apenas 25 anos, já atuou em diversas equipes, como Corinthians, Fluminense, Goiás e Lokomotiv Moscou. Sabe, porém, que a

concorrência no ataque para ser titular é dura. "Procuro buscar meu espaço nos trabalhos diários. Tenho de me dedicar a fim de estar sempre preparado para as oportunidades."

O último a chegar foi o atacante Lima. O atleta, curiosamente, fazia parte dos dois times que foram derrotados pelo São Paulo no ano passado na Libertadores (Atlético-PR) e no Mundial Interclubes (Al Ittihad). Agora, do lado de cá, promete empenho. "Jogar aqui me dá uma condição maior de conquistar títulos. Vim para cá pensando nisso."

A Revista Oficial do São Paulo Clube traz, na seqüência, entrevistas com alguns dos profissionais que vieram para integrar o elenco na temporada 2006. Tem Muricy Ramalho, Alex Dias, André Dias, Leandro e Lima em conversas imperdíveis.

Muricy

O BOM FILHO

Depois de conquistar títulos e aprimorar conceitos, **MURICY RAMALHO** está de volta ao clube que o projetou para o futebol. Com um estilo muito particular, cobra seus comandados a todo instante, exigindo rendimento máximo sempre

Por Carlos Mesquita
Fotos Rubens Chiri

Ele foi craque. Revelado pelo São Paulo Futebol Clube na década de 1970, destacou-se como habilidoso meia. Com uma cabeleira de fazer inveja a qualquer roqueiro, proporcionou momentos de felicidade à torcida ao lado de Serginho Chulapa. Chegou a ser, por poucos meses, comandado por Telê Santana, que se encantou com suas qualidades. Tudo transcorria bem, mas um sério problema no joelho atrapalhou sua trajetória. Mesmo assim, transferiu-se para o México. E, alguns bons anos depois, reencontrou, já como auxiliar-técnico, Telê na condição de treinador do mesmo São Paulo Futebol Clube.

Na década de 1990, enquanto o "mestre" dirigia a "máquina de ganhar títulos", Muricy conduzia o Expressinho, time repleto de aspirantes que se tornaram monstros do futebol. Formavam a equipe, entre outros, o talentoso Juninho, o atrevido Denílson, o vigoroso Bordon e o maior ídolo da atualidade: Rogério Ceni, que, em 1996, recebeu de Muricy a oportunidade de ser o titular do gol tricolor.

Realizar tal proeza não foi fácil. Afinal, o dono da posição era ninguém menos que o tetracampeão mundial Zetti. No entanto, ao assumir o São Paulo em lugar de Telê, Muricy consumou a mudança. De acordo com ele, foi o fato mais difícil que aconteceu em sua vida profissional no período em questão, além de ter sido importante para o futuro do clube. "Valeu a pena. O Zetti pôde seguir a carreira dele. Foi para o Santos. E nós temos o Rogério", explica.

Após deixar o Tricolor, Muricy dirigiu vários clubes. Retornou algum tempo de-

pois, saiu novamente e circulou mais um pouco. Treinou até time chinês, o que lhe rendeu incríveis experiências, tanto profissionais quanto pessoais. De volta ao Brasil, conquistou títulos, como os dos torneios gaúcho e paulista. Em 2005, foi eleito o melhor técnico do Campeonato Brasileiro pela CBF. Afora os louros, conseguiu crescer profissionalmente e tornar-se um dos treinadores mais experimentados da atualidade. E, quando o assunto é futebol, o comandante são-paulino mostra imensa paixão. Esta entrevista, que a princípio seria rápida, terminou se estendendo. Virou um saboroso bate-papo, cujos melhores momentos podem ser conferidos na seqüência.

Está é a sua terceira vez como técnico do São Paulo. O que está diferente?

Assumi tantas vezes quando saíam os outros que perdi as contas. O nível era muito bom, mas, quando retornei, fiquei surpreso. Tudo que há aqui ficou ainda melhor, facilitando e fazendo a diferença. Por ter trabalhado em diversos lugares, sei a dificuldade que é quando não temos um local apropriado. O técnico é obrigado a improvisar. A fazer milagre. Sem a parte científica para medir as coisas, usa apenas a experiência. Por sua vez, a tecnologia ajuda a diminuir o risco de contusão, o que me auxilia porque posso repetir determinada escalação e, conseqüentemente, ter um conjunto melhor.

Você substituiu Paulo Autuori, que tem um estilo totalmente diferente do seu. Você gesticula, fala e conversa com o jogador o tempo todo. Nem mesmo quando o time está ganhando por 4 a 0, sua voz esmorece. Como foi trabalhar

seus conceitos com os atletas?

Com sensibilidade. Antes de vir para cá, havia um treinador que os tratava de forma diferente. No princípio, fui mais tranquilo. Imprimi minha maneira de trabalho gradativamente. Não foi de cara. Poderia assustá-los. De qualquer forma, o atleta está acostumado com isso e se adapta sem dificuldade às modificações, pois o futebol se transforma muito. O jogador que está aqui hoje vai para a Europa amanhã. Para o elenco não estranhar, expliquei a todos que o que faço é idêntico ao que o Autuori fazia. É em benefício do grupo. Não possuo preferência por nada nem a intenção de aparecer. Não é meu estilo. Mas tenho um jeito próprio. Gosto que a equipe mantenha determinado ritmo de jogo o tempo todo. Isso é a coisa mais difícil que existe. Tem de trabalhar sempre no limite, jogando duro. Pode reparar que, às vezes, nosso time, mesmo no fim da partida, está em cima dos caras. Faz gols, briga, corre. Exijo que seja dessa maneira. Sempre fui assim e não há como mudar. Antes de fazer a transição, conversei com eles. Expus como eu era. Acho que todos já sabiam. Afinal, os jogadores se conhecem. Quando vim para cá, alguns devem ter ligado para os amigos que estão no Internacional e perguntado: "Como é o cara?". Acho que escutaram o seguinte: "Cuidado, porque é meio louco (*risos*)". Normal.

Rogério Ceni disse que, com você no comando, o time ficou mais leve, técnico e com mais variações. De que maneira foi possível, em pouco tempo de clube, fazer tudo isso?

É conseqüência do trabalho que foi feito anteriormente. Nós, técnicos de futebol, quando chegamos a um clube, temos a

mania de querer mudar tudo. Não gosto disso. Vim para fazer meu trabalho, mas respeitando muito o que passou. A coisa é boa. Por que vou desfazê-la? O Autuori construiu uma parte disciplinar e um ambiente ótimos. Modificar isso não existe. É conversa de treinador. Obviamente, tenho minha maneira de pensar. Não gosto de equipes que tocam muito a bola. Prefiro o espírito aguerrido, que marca forte e sai rápido. Faço meus treinos para chegar ao que desejo. Em campo, o time está mostrando o que quero. Tem exibido movimentação ágil, além de agredir a todo instante. Meus treinamentos são dinâmicos. Não gosto de equipe lenta.

Esse time, jogando no 3-5-2, começou com Cuca. Leão, na seqüência, tentou mudar, mas optou por algo muito semelhante. Autuori também. Agora, você está dando prosseguimento ao 3-5-2, com uma cara, porém, um pouco diferente, pois Danilo tem aparecido com mais liberdade, levando a um formato próximo do 3-4-3. Existem mais variações?

Realmente, não é um 3-5-2 radical. Muda bastante durante a partida. O jogador tem a liberdade de variar o tempo todo, porque lhei estou passando confiança para que ataque sem medo. Se acontecer algo errado, haverá cobertura. É o que temos feito nos treinos. O time se modifica também em virtude do estilo do atleta que entra.

Essa é uma tática que funciona bastante na Libertadores, pois é um campeonato em que os times marcam muito em cima. Entende-se, por isso, que o São Paulo está no caminho certo?

Como fez no ano passado. Foi para todos os jogos sempre para ganhar. Nunca para especular. A Libertadores é um torneio que tem pegada forte e marcação em cima. As equipes tiram espaços e chegam pra valer. O time que se porta de maneira diferente pode ser surpreendido.

Que sabor há no fato de você ter lançado Rogério Ceni no time principal do São Paulo?

Fiz uma mudança que, na época, foi a coisa mais difícil que aconteceu na minha carreira. Tive de tirar o Zetti, maior ídolo do time naquele período. Só que, em 1996, já não havia o que ser feito. Ou realizávamos a transição ou perderíamos o Rogério. Eu conhecia bem os dois, que, aliás, eram amigos. Tanto é que, quando havia aniversário na minha casa, iam juntos. O Rogério precisava jogar. Estava havia

anos esperando uma oportunidade. Foi difícil falar para o Zetti que era a hora do Rogério. Conversamos muito até chegarmos a uma solução. Aquilo foi importante para o futuro do São Paulo. Valeu a pena. O Zetti pôde seguir a carreira dele. Foi para o Santos. E nós temos o goleiro-artilheiro. Imaginava que seria um grande arqueiro. Mas não dava para medir em que intensidade. Fico contente por ter feito parte desse processo.

Aliás, quando você foi contratado, Juvenal Juvêncio, diretor de Futebol, disse que "conhecer jogadores de que o São Paulo precisa" era uma característica sua. Deu tempo de praticar essa habilidade no Tricolor?

O técnico tem a obrigação de conhecer todos os atletas que estão dentro e fora do Brasil. Para fazer isso, ele conta hoje com o auxílio da televisão. Sou viciado em ver jogos. Assisto a todos. Não pode o presidente do clube me perguntar sobre um cara e eu não saber de quem se trata. É um absurdo. Preciso estar informado. O



“Vim para fazer meu trabalho, mas respeitando muito o que passou. A coisa é boa. Por que vou desfazê-la?”

treinador deve ter pessoas que possam fazer indicações. Não sou de ficar falando muito das coisas que faço, mas aconteceu algo semelhante em relação ao André (Dias). Havia algum tempo que eu estava observando o futebol dele. Falei para o Dr. Juvenal que o Goiás tinha um atleta muito interessante que atravessava um problema no clube. Pesquisamos e descobrimos que os grandes de São Paulo também o queriam. Por acaso, conheço o técnico que o dirigiu no Goiás, o Geninho. É muito meu amigo. Rapidamente, nós o contratamos. O técnico tem de participar. Melhorar o lugar onde está. Deve trazer atleta. O clube vive disso. É um negócio. Para manter o CT da Barra Funda, o de Cotia e o Morumbi, tem de fazer jogador girar. Me preocupo com essa parte. Realizamos esse trabalho no Internacional três anos atrás. O clube estava mal em todos os sentidos e conseguimos recuperá-lo. Atualmente, vive uma situação estável.

Na época em que você era jogador de futebol, não havia metade do glamour que existe hoje. Como você, experiente, trabalha essa questão com jovens que, do dia para a noite, vão de zero a dez e não têm a menor estrutura, na mais ampla acepção da palavra, para lidar com o sucesso?

Acompanhei a trajetória de muitos jogadores que tinham carro importado, ganhavam bem e eram disputados pela mídia que hoje não têm o que comer. Às vezes, o atleta não acredita no que falo. Pensa que isso não vai ocorrer com ele. Por isso, é preciso apontar exemplos. Aconteceu agora mesmo com Jorge Mendonça. Foi o São Paulo, que não tem nada a ver com isso, que ajudou a interná-lo. Aliás, tratou muito bem dele. A obrigação do técnico é falar, assim como a do clube é assessorar. O Tricolor faz bem essa parte, sobretudo com os meninos criados na base. Eles vêm com boa estrutura e educação. Quando chegam ao profissional, fazem a diferença. Têm uma cultura que facilita para o treinador. Jogador que é feito aqui, se você estiver em outro lugar, pode contratar. Não dá trabalho.

Divino Fonseca, jornalista de Porto Alegre, destacou várias de suas qualidades no diário *Lance!* de São Paulo no fim do ano passado. Falou que sua capacidade de agrupar e animar era impressionante, além de enfatizar sua liderança, sua lealdade e sua honestidade. Todas essas características são inatas ou você adquiriu algumas durante sua carreira?

Todo ser humano precisa ter criação. Meus pais se preocuparam com isso, me dando bons exemplos. Entre outras coisas, diziam que, quando eu tratava algo com uma pessoa, tinha de honrar a palavra. Falavam que dinheiro era importante, sim. Mas que não era a coisa mais fundamental da vida. É preciso haver respeito. O que aconteceu comigo no Rio Grande do Sul é um exemplo. O trabalho foi tão bom que, todos os anos, vários clubes se interessavam em me tirar de Porto Alegre. Eu preferia continuar por lá e honrar o que havia combinado. Praticamente, me doaram o Internacional. Até brincaram, dizendo que era um presente que o presidente estava me dando. Mas, modéstia à parte, sou bom para desafios. Fiz trabalho semelhante no Náutico e em alguns outros lugares. No Inter, mescliei garotos com alguns veteranos. Eu mesmo ligava para os caras e explicava a situação. O clube não estava pagando muito, mas acertava em dia. Acabei formando um time e, quando fui disputar a final do Campeonato Gaúcho, duas equipes de São Paulo me ligaram e perguntaram se não queria vir para cá. Recusei. Não podia largar os meninos. Disseram que eu estava louco. Mas era um time de moleques. Eu seria irresponsável se os deixasse no meio do caminho. Pode me oferecer um milhão a mais que não largo.

Telê Santana ajudou na sua formação?

Claro. Ele passou rapidamente pelo São Paulo na época em que eu era jogador. Ficou quatro ou cinco meses no comando. Foi meu treinador nesses tempos. Mais para frente, o encontrei na condição de auxiliar. Como já o conhecia, facilitou muito. Sou um pouco parecido com ele no quesito personalidade. O Telê foi fundamental na minha carreira. Ele, Parreira, com quem

também trabalhei; e Minelli são a minha escola. Para o nosso meio, faz muita diferença ter contato com essas pessoas.

Após o jogo contra a Portuguesa, você disse que o treinador precisa respeitar as características de cada atleta. Esse é o segredo do sucesso?

A pessoa que deseja ir bem em qualquer lugar precisa ter a sensibilidade de respeitar o local. Fui para a China e mudei certas coisas no clube em que trabalhei, mas não pude mexer em alguns hábitos. Havia um limite aonde podia chegar. Por isso, não acredito que o cara vá ao supermercado e compre dois esquemas de futebol prontos. Não existe. Não se deve vir para o São Paulo com uma coisa diferente. Tem de saber como são os jogadores, se gostam um pouco mais disso ou daquilo, o que pode ser extraído de cada um. É preciso, primeiro, ter a sensibilidade para perceber isso e, depois, a coragem de fazer.

Souza está jogando de lateral-direito. Logo, tem grande responsabilidade na parte defensiva, mas essa não é uma característica natural dele. Você não ficou com medo de pô-lo para fazer algo diferente da função original que possui?

Precisa-se perceber e, depois, fazer aos poucos. Se acaso não surtir o resultado esperado, muda-se. Se insistir, é porque é teimosia. Mas deve-se ter a coragem. Na dose certa. O que acontece com o Souza é que ele é ótimo do meio pra frente. Dali pra trás, entretanto, não era muito bom. É isso que deve ser melhorado. Tenho insistido na marcação. Ele está correspondendo. Dá carrinho e pega os caras, coisas que nunca havia feito na vida. O Milton Cruz, o Tata (*auxiliares-técnicos*) e eu falamos muito com o Souza. Dizemos que não há lateral no grupo e que este é um momento para ser aproveitado. O caso do Belletti é ótimo exemplo. Eu o pus na lateral uma vez contra o Real Madrid num amistoso no Pacaembu. Depois, o Levir (*Culpi, ex-técnico do São Paulo*) o efetivou como lateral. No começo, ele não queria de jeito nenhum. Teimoso. Eu insistia, argumentando que não havia lateral no País. Terminou indo para a Copa do Mundo. Pergunte se ele quer sair dessa posição?

SONHOS DE CRAQUE

Tricolor de coração, o goleador **ALEX DIAS** está realizando o desejo de vestir a camisa do São Paulo, mas suas pretensões vão além. Agora, quer entrar para a história do clube paulista e chegar à seleção brasileira

Por Carlos Mesquita
Colaborou Rafael Furugen

Alex Dias caiu bem. Afinal, além da experiência e o faro apurado para balançar as redes, acumula talento e habilidade. Pessoalmente, na condição de torcedor, está realizando o sonho de defender as cores do clube que sempre admirou.

Em sua apresentação, em 3 de fevereiro, beijou o manto sagrado sem medo de críticas. Sua estréia, que ocorreu dois dias depois no clássico contra o Palmeiras, pelo Campeonato Paulista, foi boa. Apenas por um capricho dos deuses da bola, não deixou sua marca. Mas ela não tardou. Veio no próximo jogo, diante da Portuguesa.

Revivendo a velha dupla com o amigo Aloísio, outro são-paulino de carteirinha com quem já havia jogado antes, está empolgado. No CCT da Barra Funda, Alex concedeu esta entrevista à **Revista Oficial do São Paulo**, na qual, bem-humorado, falou do ex-parceiro Romário, de música sertaneja, títulos e seleção brasileira.

Você ficou emocionado ao fazer seu primeiro gol com a camisa do time do coração. Que sabor tem realizar um

sonho desse tipo?

Aquele ficou marcado. É uma coisa que vou mostrar aos meus filhos. Foi muito importante porque é um sonho meu que está sendo concretizado de maneira muito boa. O São Paulo é o time do meu coração. E é emocionante poder balançar as redes vestindo a camisa da equipe que sempre acompanhei.

Você estreou num clássico diante do Palmeiras. Teve tempo para preparar-se física e psicologicamente?

Fiz apenas um treino, mas o jogo foi muito bom. Todo mundo comentou. Até o próprio Muricy. Era a minha estréia e a do André. Eu vinha da Taça Guanabara. Ele estava mais fora de forma. Mas o Muricy falou: "Vocês sabem jogar. Vão para dentro e façam o que deve de ser feito". Isso ocorreu logo num clássico. Mas adoro jogar esse tipo de partida. Sempre vou bem.

Ao chegar aqui, você beijou a camisa. Não ficou com medo de que essa atitude pudesse ser distorcida?

Não. Beije com amor e sempre vou beijar. Mesmo se não tivesse concretizado o sonho de estar aqui, continuaria

acompanhando o São Paulo, equipe que me deu muitas alegrias quando era apenas torcedor.

Em 1993, você quase veio defender o São Paulo. Jogaria naquele time que venceu tudo. Ficou alguma frustração por não ter vindo naquele momento?

Naquela época, estava no Remo. Lembro que foram feitos alguns contatos, mas o pessoal já tinha me vendido para o Boavista de Portugal. Não ficou nenhuma frustração, não. Ainda estava muito novo. Foi bom ser negociado com o futebol da Europa. É lógico que existia a vontade de vir para cá. Falava para mim mesmo que aquele era um desejo que realizaria, fosse encerrando minha carreira ou não. Graças a Deus, neste ano está dando certo. Espero fazer no São Paulo o melhor que realizei em todos os outros clubes, pois este é um clube acostumado a vencer sempre.

Na Europa, você formou dupla de ataque com o Aloísio. Em que times jogaram juntos?

Primeiro, encontrei o Aloísio no Goiás. Jogamos entre 1997 e 1999. Depois, fomos para o Saint-Etienne, da França. Na seqüência, ele de-

fendeu o Paris Saint Germain. Fui em seguida. Na Europa, comentávamos muito sobre o São Paulo, pois ele também é tricolor. Coincidência boa. Em Goiânia, nas férias, falávamos que tínhamos de jogar juntos de novo num quarto time, o que aconteceu aqui.

No Paris Saint Germain, vocês deixaram Ronaldinho Gaúcho no banco?

A situação não foi bem assim. O Aloísio e eu estávamos mais adaptados ao futebol francês. E o Ronaldinho, que é um grande amigo, estava chegando ao Paris. O Luis Fernandez (*treinador*) optava por fazer um rodízio. Ele me escalava ao lado do Aloísio. Mesmo indo bem, não participávamos da partida seguinte. Entravam, então, o Anelka e o Ronaldo. Às vezes, atuávamos o Ronaldo e eu. Mas, na outra, jogavam o Anelka e o Aloísio. Havia sempre esse revezamento. Se o Ronaldinho ficou no banco, isso só aconteceu por uma questão de adaptação e esquema tático do técnico.

E a parceria com Romário?

É uma pessoa maravilhosa, extraordinária. Vou guardar para sempre o fato de eu ter jogado com ele e também o que disse de mim no ano passado. Foram poucos os atacantes que ficaram marcados para o Romário, como ele próprio afirma. Se o tivesse conhecido antes, o Baixinho teria conseguido chegar mais facilmente ao milésimo gol. É uma honra ser amigo dele.

Do que precisa um jogador para sentir-se realizado?

Estou completamente realizado, mas vivo sonhando. Se parar, terei de partir para outras coisas. Ainda quero vestir a camisa da seleção brasileira mais para frente. Fazendo história no São Paulo é que vou poder realizar esse sonho. Buscarei isso até parar de jogar.

Já está rolando a dupla sertaneja Alex Dias e Danilo?

(Risos) Sou amigo de vários cantores sertanejos, como o Zezé, que também é são-paulino, o Bruno, o Marrone e o Leonardo, que considero irmão. Sou de dentro da casa dele. Todo ano, passamos o Natal na fazenda juntos. Nasci em Mato Grosso do Sul ouvindo música sertaneja. Aqui, formo dupla com o Aloísio ou o Danilo. Gostamos muito. Mas nosso forte é jogar. Quando estamos sozinhos, procuramos entrar nas rodas de viola.

ALEX DIAS

de Almeida

Nascimento: 26/05/1972

Local: Rio Brilhante (MS)

Posição: atacante

Altura: 1,75m

Peso: 74 kg



EX-CLUBES: Clube do Remo (92/94), Boavista F.C. - POR (94/95), Goiás E.C. (95/99), AS Saint-Etienne - FRA (99/01), Paris Saint Germain - FRA (01/02), AS Saint-Etienne - FRA (02/03), Cruzeiro E.C. (03), Goiás E.C. (04) e CR Vasco da Gama (05/06)

PRINCIPAIS TÍTULOS:

Campeonato Paranaense (93/94), Campeonato Goiano (96/97/98/99) e Campeonato Brasileiro (03)

PRÊMIOS: artilheiro do Campeonato Paranaense (94), melhor estrangeiro do Campeonato Francês (99/00), vice-artilheiro do Campeonato Francês (99/00), melhor estrangeiro do Campeonato Francês (00/01) e vice-artilheiro do Campeonato Brasileiro (04)

SEGURANÇA TEM NOME: ANDRÉ DIAS

Um dos destaques do Brasileiro de 2005, o defensor deve, ao lado dos companheiros, ajudar a prolongar a excelente fase que a zaga tricolor vive

Por Alessandro Gonçalves
Colaborou Rafael Furugen

No Campeonato Brasileiro de 2004, o setor defensivo do São Paulo encheu a torcida de orgulho. O trio formado por Lugano, Fabão e Rodrigo, hoje no Dínamo de Kiev, não deixou os adversários trabalharem com liberdade à frente da meta de Rogério Ceni. Em 2005, o posto de zaga menos vazada ficou com o Goiás, equipe da qual fazia parte André Dias. Jogando com seriedade, ele despertou o interesse de todos os grandes times de São Paulo, mas foi o Tricolor que André preferiu.

Agora, a defesa são-paulina, que ainda conta com Alex, Edcarlos e Flávio Donizete, deve ratificar, com ele, a condição de uma das melhores do Brasil, já que André não é um simples reforço. Versátil, atua em qualquer lado de seu setor, embora seja destro. Mesmo sem achar que estava com as condições físicas ideais, estreou no clássico contra o Palmeiras. E recebeu muitos elogios. O zagueiro, que na infância não sabia ao certo o que queria ser, conta a seguir como ingressou no mundo do futebol e o que pensa da responsabilidade de jogar no São Paulo Futebol Clube.

Você estreou contra o Palmeiras mesmo receando estar fora de forma. Chegou a dizer que estava apenas 70%. No fim das contas, não foi bom para pegar confiança?

Sem dúvida. Treinei 12 ou 15 dias sozinho, o que não é a mesma coisa de fazer um trabalho com o grupo. No São Paulo, tive apenas uma semana com o Carlinhos (*Neves, preparador físico*). Imaginei que não daria conta de atuar 90 minutos, pois não estava 100%. Mas fiquei surpreso por ter agüentado e atingido resultado satisfatório.

Antes do clássico, você e o Muricy Ramalho, que sempre acreditou no seu futebol, conversaram. Foi ele quem lhe deu essa confiança?

Sim. Independentemente de quem seja, o jogador contratado não rende se não tiver a confiança do treinador e do grupo. O Muricy me passou tranquilidade suficiente para que eu encarasse o clássico.

Como foi sua passagem pelo Rio de Janeiro?

Profissionalmente, foi muito bom. Mas houve um aspecto ruim. Muita gente fala do Flamengo sem saber que o ambiente

do clube é conturbado. Havia pressão em cima de pressão. O time estava vivendo uma situação difícil. Por dois anos seguidos, ficou fugindo do rebaixamento.

A torcida pegava no seu pé?

Quando jogávamos no Maracanã, ficávamos imaginando como iríamos descer do ônibus. A torcida ficava bem do lado. Não sei como conseguia. Já entrávamos naquele clima. Se não ganhássemos, a pressão era maior ainda. Havia muitos jogadores de qualidade na época, mas, pelo fato de a equipe não conseguir bons resultados, acho que não escapou ninguém. A crítica foi geral. Para os torcedores, ninguém prestava. Muito menos merecia estar no Flamengo.

Os maiores clubes de São Paulo disputaram seu futebol, mas você preferiu o Tricolor, argumentando que estava respeitando um desejo seu, de sua família e seu coração. O que se pode entender por essa declaração?

O primeiro clube que ficou interessado foi o Santos. Antes de terminar o Campeonato Brasileiro de 2005, eles vinham conversando com a diretoria do Goiás para que eu pudesse, em 2006, jogar na Baixada. Mas não deu certo, pois foram prorrogando o prazo. E, durante esse período, apareceram outras equipes. Até aquele momento, o São Paulo não tinha entrado na história. Não sabia do interesse do Tricolor. Quando descobri, pude concretizar uma paixão de criança, que era jogar pelo São Paulo.

Em 2004, o São Paulo teve, com Fabão, Lugano e Rodrigo, a melhor zaga do Campeonato Brasileiro. Em 2005, foi a vez de o Goiás, com você, ter a defesa mais eficiente do torneio nacional. Pela lógica, o Tricolor deve manter-se como um dos times mais fortes nesse setor. Tal fato aumenta a pressão sobre os zagueiros?

A pressão aumenta pelo fato de defendermos uma equipe como o São Paulo, mas espero que a marca que consegui no ano passado com o Goiás possa ser repetida aqui. Temos jogadores de nível de seleção brasileira que podem fazer a diferença.

Lugano e Fabão são titulares absolutos, restando, além de você, Edcarlos,

Alex e Flávio Donizete. De que maneira, você encara essa disputa?

Em primeiro lugar, tenho de destacar o companheirismo desses jogadores. Muitas vezes, atletas contratados não são bem recebidos. Mas, aqui, isso foi totalmente diferente. Tenho amizade com o Edcarlos, o Flávio e o Alex. O Lugano e o Fabão também me tratam muito bem. Isso facilitou minha adaptação e me deixou mais tranqüilo. Independentemente de quem entre, o trabalho será bem-feito.

O que você pensa do fato de zagueiros estrangeiros serem considerados os melhores do Brasil (Lugano, uruguaio; e Gamarra, paraguaio)? Isso denigre a imagem dos nossos defensores?

É a visão da imprensa. Isso termina denegrindo, sim, um pouco a imagem de atletas brasileiros que atuam nessa posição no exterior. Mas não estou dizendo que o Lugano e o Gamarra não têm qualidades. Ao contrário. São jogadores que defendem a seleção de seus países. Temos de ter respeito.

Zagueiro é jogador de confiança?

Sim. A equipe toda, além do técnico, precisa ter confiança nos zagueiros para que as coisas andem direitinho. Mas esse sempre é o setor mais criticado. O defensor pode jogar bem 89 minutos. Se falhar no último instante, porém, vão se lembrar apenas daquilo. Tudo de bom que ele fez é apagado imediatamente.

Por que você começou tarde?

A verdade é que não gostava muito de futebol de campo. Estudava e jogava futsal. Não queria muita coisa, não. Nunca pensei em ter uma profissão. Quando criança, sim. Mas depois fui crescendo e vendo as dificuldades da vida. Como vários jogadores, vim de família pobre. Meu pensamento era ter um bom emprego, poder ajudar minha mãe e, mais tarde, constituir família. Acabei aceitando um convite de um colega meu para fazer um teste no Palestra, de São Bernardo do Campo.

Ser destro dificulta jogar pela esquerda?

Dificulta, sim. Mas já atuei dessa forma antes. Apenas o tempo, com uma seqüência de jogos, vai possibilitar que eu me acostume a girar o corpo para bater na bola com a perna esquerda.

ANDRÉ Gonçalves DIAS

Nascimento: 15/05/1979

Local: São Bernardo do Campo (SP)

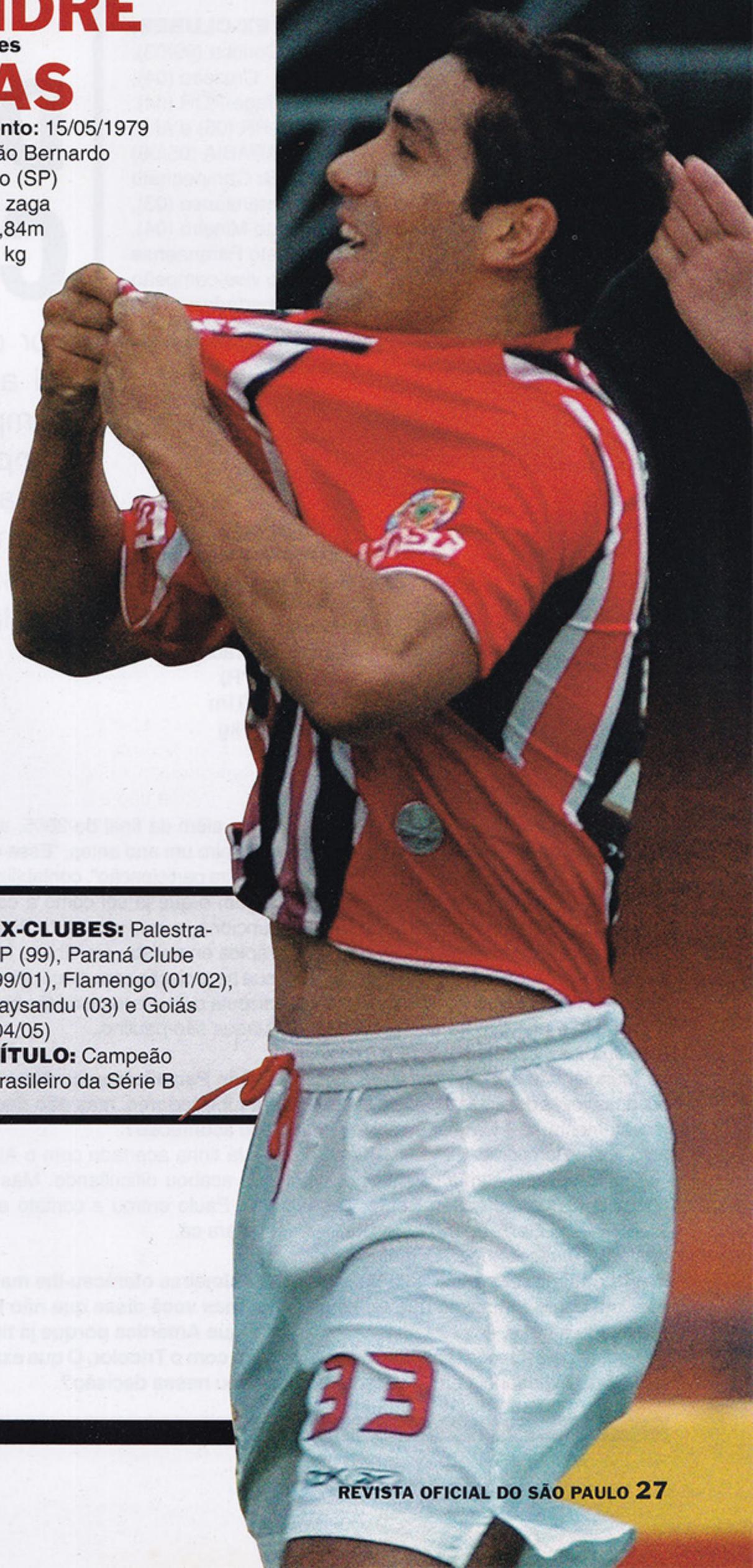
Posição: zaga

Altura: 1,84m

Peso: 80 kg

EX-CLUBES: Palestra-SP (99), Paraná Clube (99/01), Flamengo (01/02), Paysandu (03) e Goiás (04/05)

TÍTULO: Campeão Brasileiro da Série B



**EX-CLUBES:**

Coritiba (99/03),
Cruzeiro (04),
Sporting Braga-POR (04),
Atlético-PR (05) e Al It-
tihad-ARÁBIA (05/06)

TÍTULOS: Campeonato
Paranaense (03),
Campeonato Mineiro (04),
Campeonato Paranaense
(05) e vice-campeão
da Libertadores (05)

**Aparecido
Francisco de**

LIMA

Nascimento: 02/11/1981

Local: Alvorada
do Sul (PR)

Altura: 1,91m

Peso: 80 kg

DO LADO CERTO

Por duas vezes em 2005, **LIMA** foi adversário do São Paulo em competições internacionais. Nesta temporada, chega como reforço para o ataque tricolor, do qual conhece muito bem Aloísio e Alex Dias, atletas com quem já formou dupla em outras equipes

Texto Rafael Furugen Entrevista Alessandro Gonçalves

No ano passado, o atacante Lima jogou contra o São Paulo na final da Libertadores. Defendia na época o Atlético-PR. Alguns poucos meses depois, já integrando o elenco do time árabe Al Ittihad, foi para o Japão. Se não tivesse tido problemas com sua inscrição, enfrentaria o Tricolor no Mundial Interclubes. Depois de estar por duas vezes do outro lado, Lima aportou recentemente no Morumbi como reforço para a atual temporada.

Em sua estréia com a camisa tricolor, que ocorreu contra o São Bento, Lima atuou bem. Correu, movimentou-se bastante, buscou jogo. O melhor momento do time na partida saiu de seus pés: um chute fortíssimo que terminou acertando a trave.

Apesar de estar com apenas 24 anos, tem ótima experiência em Libertadores.

Pois, além da final de 2005, atuou pelo Cruzeiro um ano antes. "Essa é a minha terceira participação", contabiliza. "A vantagem é que já sei como a competição funciona, o que acaba facilitando." Em rápida entrevista, o artilheiro falou sobre sua negociação com a equipe paulista e a disputa por uma vaga no tão bem servido ataque são-paulino.

O São Paulo tentou contratá-lo depois da Libertadores, mas não deu certo. O que aconteceu?

Já tinha acertado com o Al Ittihad, o que acabou dificultando. Mas depois o São Paulo entrou em contato e eu pude vir para cá.

O Palmeiras ofereceu-lhe mais dinheiro, mas você disse que não foi para o Parque Antártica porque já tinha acertado com o Tricolor. O que exatamente pesou nessa decisão?

O São Paulo me procurou antes. Já tínhamos acertado tudo. Dei minha palavra. Faltava apenas assinar o contrato. O Palmeiras entrou em contato comigo, dizendo que cobriria a oferta. Falei que não. Independentemente de tudo, queria jogar aqui.

Há muitos jogadores concorrendo por uma vaga no ataque. Mesmo assim você está empolgado?

Quando vim para cá, sabia que havia vários atacantes e que, conseqüentemente, seria difícil jogar. Mas vou lutar e tentar me firmar.

Você disse que pode ser o terceiro atacante. Qual é a sua posição favorita?

Gosto de vir de trás, mas também posso fazer o papel do Alex Dias, que é mais de atacante mesmo. Apenas o jeito como o Aloísio atua, de costas para o zagueiro, é que mais complicado para mim. Não consigo.

RÁPIDO, SOLIDÁRIO E PERIGOSO

Após defender vários times, o atacante **LEANDRO** aportou no Morumbi com espírito de grupo e disposição suficiente para correr em busca de títulos

**EX-CLUBES:**

Botafogo-SP (98/01),
Corinthians-SP
(01/03), Lokomotiv
Moscou - RUS
(03/04), Goiás (04) e
Fluminense-RJ (05)

TÍTULOS:

Campeonato Paulista
série A2 (00), Copa
do Brasil (02), Torneio
Rio- São Paulo (02),
Campeonato Paulista
(03) e Campeonato
Carioca (05)

LEANDRO

Lessa Azevedo

Nascimento: 13/08/1980

Local: Ribeirão Preto (SP)

Posição: atacante

Altura: 1,70m

Peso: 66 kg

Por Alessandro Gonçalves

Ele tem 25 anos, mas possui currículo de veterano. Iniciou carreira no Botafogo de Ribeirão Preto, em 2000, time em que, disputando o Campeonato Paulista, foi eleito o melhor jogador do interior. Seu futebol chamou a atenção de grandes clubes. Na época, o São Paulo quase o contratou. "Foi por muito pouco que não vim para cá em 2001. Mas tudo tem seu tempo", explica. Leandro terminou desembarcando no rival Corinthians, equipe da qual partiu para a Rússia, onde vestiu a camisa do Lokomotiv.

Depois de algum tempo suportando o frio moscovita, retornou ao Brasil. Veio para o Goiás. Transferiu-se, na sequência, para o Fluminense, agremiação com que conquistou o Campeonato Carioca de 2005. O meia-atacante, que se destaca pela velocidade, foi até lateral-direito e garante que a experiência foi enriquecedora. "O jogador tem de saber variar." Mas, além disso, diz que o fato de ter rodado bastante o ajudou a conviver em grupo e a pensar no coletivo. "Estar aqui é uma oportunidade muito grande, que, juntos com meus companheiros, espero aproveitar ao máximo."

Você defendeu o Corinthians, um dos adversários mais tradicionais do São Paulo no Estado. Qual é a diferença entre as camisas, as torcidas, os clubes?

Primeiramente, estou muito feliz de estar no São Paulo. A minha passagem pelo Corinthians já faz mais de três anos. Isso tem de ser posto na balança, pois não saí do rival e vim direto para cá. Durante esse tempo, rodei por alguns times. Tive várias experiências. Hoje, estou um pouco mais experimentado.

Como é o futebol da Rússia? E a vida?

É truncado, com mais força e contato físico. Fui como atacante. Mas, durante um bom tempo, atuei como lateral. O treinador achou que eu tinha condições de fazer isso. Então trabalhei e treinei para realizar o que ele queria. O jogador tem de saber variar. Comecei como meia, virei atacante e fui até lateral. Viajei para lá num momento bom, já que estava no verão. É mais complicado quando chega o inverno. Tínhamos de lidar com temperaturas abaixo de 0 grau. O campo também não fica bom. Afinal, nenhum suporta 15º, 20º graus

negativos. O período que fiquei serviu de experiência para crescer profissional e pessoalmente.

Sua mãe é corintiana e sua irmã, são-paulina. Não rola problema em casa?

Minha mãe foi corintiana. Depois, torceu para o Lokomotiv, o Goiás, o Fluminense. O importante é viver e jogar junto. O pessoal sempre acompanhou, vibrou, passou por alegrias e tristezas. Novamente, estão todos comigo. Mas estou muito contente por estar no Tricolor e ficar próximo da minha família, afora realizar o sonho da minha irmã, que é são-paulina.

Para ser titular, você tem uma batalha com outros jogadores de qualidade. Como está a briga, no bom sentido, com os companheiros?

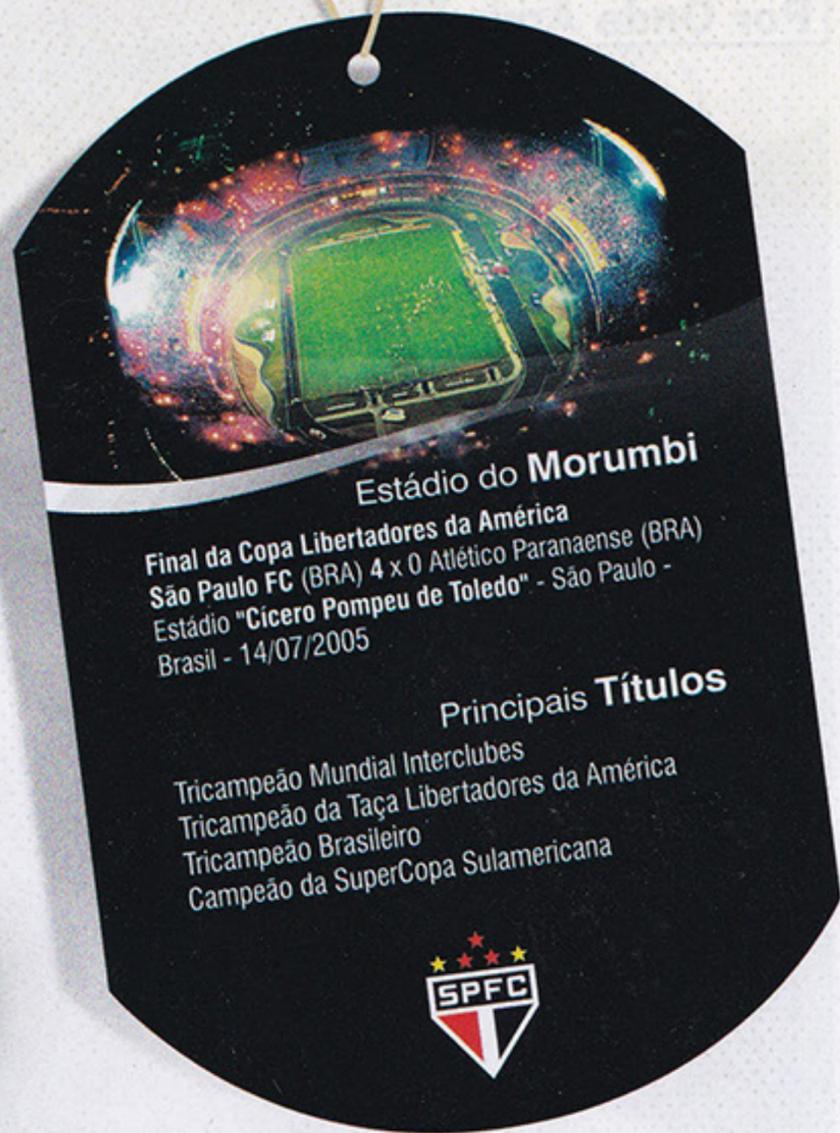
É bom jogar num grande clube com atletas desse nível. O torcedor e o São Paulo ganham com isso. Sempre fui jogador de grupo. Nunca tive problema com ninguém porque respeito a opinião das pessoas. Mas procuro buscar meu espaço nos trabalhos diários. Tenho de me dedicar a fim de estar sempre preparado para as oportunidades.

Acesse

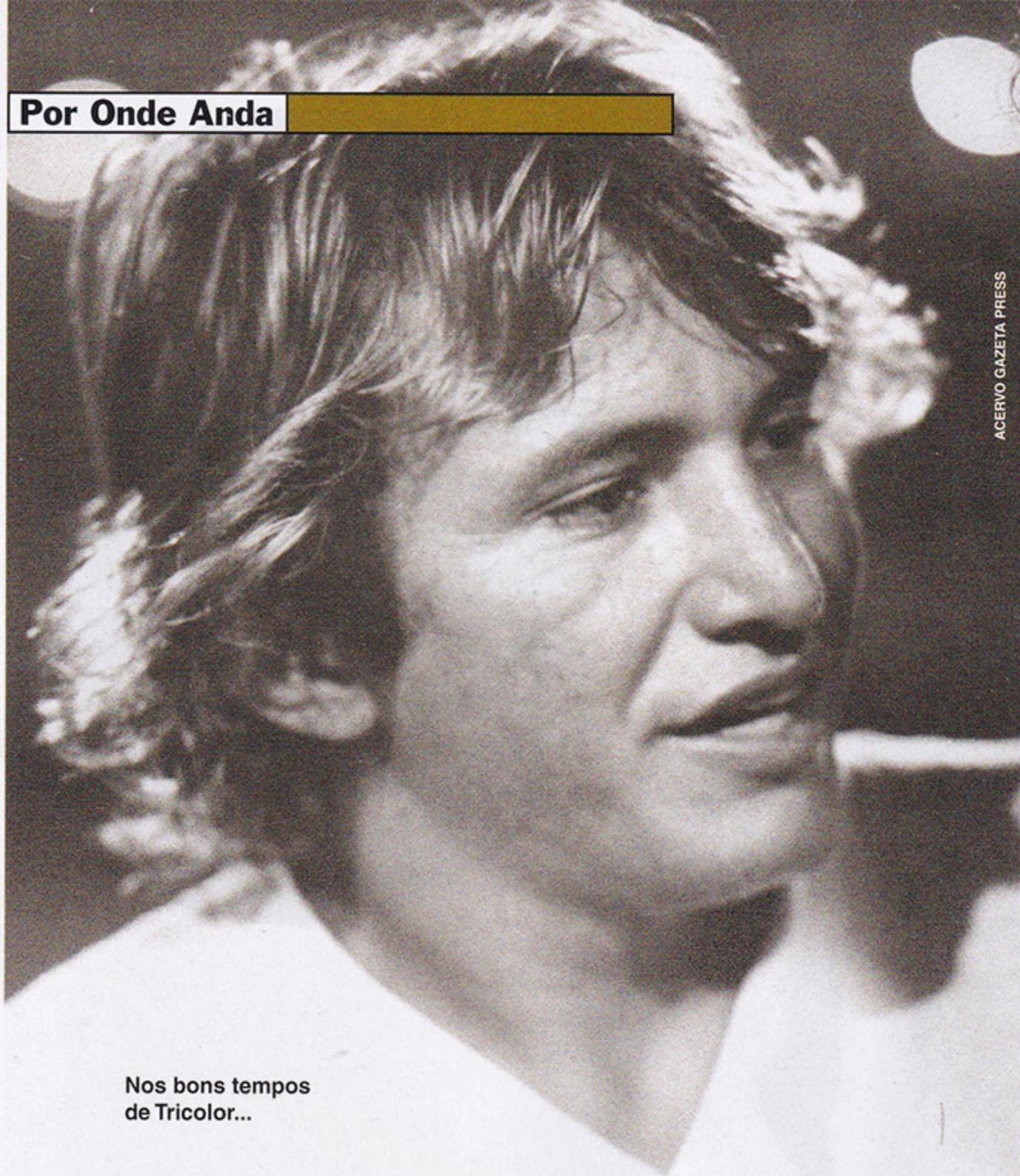
www.torcidarbkb.com.br

**E fique por dentro de tudo o
que acontece com seu time.**





**Fornecedor oficial de materiais
esportivos do São Paulo Futebol Clube**



ACERVO GAZETA PRESS

Nos bons tempos
de Tricolor...

À frente de seu tempo

Craque. Assim era definido MARINHO CHAGAS, um dos maiores laterais-esquerdos da história do futebol brasileiro, que, além de ter usado a camisa da seleção, vestiu a do São Paulo Futebol Clube no início da década de 1980

Por Fernando Savaglia
Colaborou Raul Snell Jr.

Apesar da fama de polêmico, a qualidade de seu futebol era inquestionável. O curioso é que Marinho Chagas iniciou carreira como goleiro da equipe juvenil do Riachuelo Atlético Clube de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Antes de uma partida amistosa em 1969, foi convidado a se concentrar com o time principal, cujo lateral-esquerdo não apareceu para o jogo. Na falta do atleta da posição, Marinho foi escalado. "O titular era da Paraíba e não voltou em tempo. Acabei entrando, fiz o gol da vitória e ganhei o prêmio de melhor em campo." Um ano depois, já vestia a camisa do ABC, tradicional equipe potiguar. Dono de um potente chute, era exímio batedor de faltas. Tinha facilidade para atacar numa época em que os laterais raramente se arriscavam a passar do meio-de-campo.

O estilo ofensivo o levou ao Náutico, time em que foi eleito revelação do futebol nordestino no começo da década de 1970. A consagração, porém, veio apenas quando estava no Botafogo do Rio de Janeiro - aliás, foi num torneio envolvendo as três grandes agremiações de Pernambuco (Náutico, Sport e Santa Cruz) e o Alvinegro carioca que despertou a atenção de ninguém menos que João Saldanha, na época dirigente do Botafogo.

Sua estréia foi em grande estilo. Numa partida válida pelo Campeonato Brasileiro de 1972, foi o autor do tento que deu ao Botafogo a vitória sobre o Santos de Pelé, Clodoaldo, Carlos Alberto Torres e companhia. Em 1973, foi convocado pela

primeira vez para defender a seleção brasileira. De maneira predestinada, fez um gol logo na primeira vez em que vestiu a amarelinha. E foi o que garantiu o placar de 1 a 0 contra a Checoslováquia, em amistoso disputado no Maracanã. No ano seguinte, participou da Copa do Mundo da Alemanha. "Até então, eu era o reserva do Marco Antonio, mas, depois daquele gol, virei titular", explica.

Apesar da suada classificação brasileira na primeira fase, o lateral teve boas atuações no Mundial. Sempre era lembrado pela imprensa internacional quando eram escolhidas as seleções das rodadas. O Brasil, entretanto, não teve a mesma sorte. Acabou sendo vítima do poderoso "Carrossel Holandês" nas semifinais do torneio.

"Tivemos de jogar em Dortmund, na fronteira com a Holanda. O estádio inteiro estava torcendo para eles e pressionando o árbitro. Por infelicidade, perdemos dois gols no primeiro tempo que poderiam ter definido o jogo."

Em 1978, Marinho vivia grande fase no Fluminense. Terminou, no entanto, sendo cortado do plantel que iria para a Copa do Mundo da Argentina por causa de uma discussão. "Eu estava fazendo muitos gols, mas, com mais três companheiros de seleção, fomos conversar sobre o possível prêmio pela conquista com o técnico Cláudio Coutinho. Por isso, eles (na época, *Confederação Brasileira do Desporto*) acabaram nos cortando."

A MÁQUINA

Ele foi um dos astros do milionário Cosmos de Nova York, no fim dos anos 70. "Joguei ao lado de Beckenbauer, Pelé, Carlos Alberto, Rome-

rito. Nessa época, ainda tive a oportunidade de conhecer outras personalidades, como Frank Sinatra, Robert Flack e Robert Redford", revela. "Como sempre adorei filmes de faroeste, aproveitei para conhecer o Texas", completa o ex-craque, que ainda teve rápida passagem pelo Strikers, da cidade de Tampa, na Flórida.

Em 1981, Marinho Chagas juntou-se ao São Paulo que contava com Serginho, Renato, Mário Sergio, Getúlio, Oscar, Dario Pereyra e Waldir Peres, entre outros. Embora tenha tido uma estréia conturbada em 14 de janeiro, já que foi expulso no clássico contra o Flamengo em pleno Morumbi, contribuiu muito com a boa campanha da equipe no Brasileirão daquele ano, quando o Tricolor foi vice-campeão.

Em novembro, o clube faturaria o Bicampeonato Paulista, batendo a Ponte Preta por 2 a 0. "Sinto muita saudade de minha passagem pelo São Paulo. Éramos um supertime. Tínhamos técnica, mas garra também." O ex-atleta ainda faz uma observação sobre a final do Paulistão de 1982, contra o Corinthians. Naquele ano, o Tricolor perdeu a chance de tornar-se tricampeão estadual. "O juiz anulou um gol do Serginho depois de uma cobrança de escanteio. Ele deu impedimento. Nunca tinha visto aquilo antes."

Em 1984, Marinho comprou o próprio passe. De malas prontas para a Itália, contundiu-se jogando futebol na praia. "Estourei os dois meniscos. Como não tinha vínculo com nenhum clube, fui operado e comecei a recuperação por minha



...e no 4º Encontro de Ex-jogadores Profissionais do clube, em 2005

MARINHO CHAGAS

FRANCISCO DAS CHAGAS MARINHO

Nascimento: 08/02/1952

Local: Natal (RN)

Jogos disputados pelo SPFC: 87

Gols marcados pelo clube: 4

Título conquistado no SPFC:

Paulista de 1981

conta", relata. Quando se restabeleceu, atuou por Bangu e Fortaleza. Também teve outra rápida passagem pelo futebol americano. Lá, jogou pelo Los Angeles Heat.

Marinho pendurou as chuteiras no Harlekin Augsburg, da Alemanha, em 1988. Apesar de ter feito cursos de treinador na Europa e no Brasil, não seguiu a carreira. Hoje,

aposentado, cuida de uma pousada de sua propriedade e trabalha com aluguel de automóveis em Natal. Afora isso, busca captar recursos para obras sociais destinadas a crianças carentes de sua cidade. "Se algum empresário do sul ou sudeste se interessar, pode me procurar em Natal", avisa o ex-lateral-esquerdo tricolor.

ORGULHO DE SER SÃO-PAULINO

Em casa, diante de um painel repleto de ídolos, mostrando a medalha do tri mundial

FOTOS RUBENS CHIRI



JOGADOR

O ator **HENRI CASTELLI** está quase sempre nos jogos do São Paulo e, em 2005, não perdeu nenhuma das conquistas do clube: acompanhou todas pessoalmente

Texto Malú Souza / Entrevista Carlos Mesquita

Que o São Paulo tem uma supertorcida, todo mundo já sabe. Mas do que muita gente nem desconfia é que um desses quase 13 milhões de são-paulinos é capaz de tudo para ver o Tricolor ao vivo e em cores. E, como bom torcedor, considera-se pé-quente. Também, pudera. Esteve presente à conquista dos três títulos que marcaram 2005. A devoção ao time é tão grande que o motivou a passar a lua-de-mel no Japão para ver, de perto, a vitória paulista sobre o Liverpool, pelo Mundial Interclubes.

Ele sabe tudo sobre a equipe que acompanha desde criança. "Quando era moleque, pedia que alguém me levasse aos jogos. A primeira vez, fui com um

amigo meu mais velho que morava no prédio", relembra. "Assisti à decisão do Brasileiro de 1989 entre São Paulo e Vasco. Perdemos, mas mantive a empolgação." A partir dali, a admiração cresceu e, aos 10 anos, encantou-se de vez com o clube. "Passei a ir direto aos jogos", recorda-se. "Vi o time ser campeão da Libertadores todas as vezes."

Fiel escudeiro, Castelli não mede esforços para estar próximo à equipe. Já passou por maus bocados ao lado de jogadores e comissão técnica. No ano passado, quando acompanhava o elenco no jogo contra o River Plate, na Argentina, pela Libertadores, foi atacado por torce-

dores locais. "Mas a polícia argentina fez escolta. Todo mundo do São Paulo ficou num único lugar," explica. "Depois que a pedra começou a rolar, ninguém saía dali porque havia riscos. Permaneci no estádio até 2h ou 3h horas da manhã."

ENTRE DOIS AMORES

O Tricolor do Morumbi é um dos amores da vida do ator. O outro é a esposa, a modelo Isabeli Fontana, que espera um bebê. Para manter a vida conjugal em perfeita harmonia, uma das tarefas - não muito difíceis, segundo ele - foi convencê-la a ser são-paulina. Isabeli encarou tudo com naturalidade. Até topou mudar a data do

casamento para assistir às apresentações da agremiação no Mundial Interclubes do ano passado, em plena lua-de-mel. "Ela gostou porque acabou sendo melhor", ressalta. "(O casamento) Ficou para o dia 10, mas a idéia inicial era 14. Mudamos para dar tempo de viajar", diz. "Falei que iríamos ver o jogo e, depois, podíamos ficar lá curtindo. Passamos mais uns 20 e poucos dias no Japão", comemora o marido, realizado.

Castelli não é um daqueles torcedores que se animam em ver os jogos a distância. Faz questão de incentivar no campo. "O grande barato é a energia que se sente no estádio. É a mesma coisa de ver o show do U2 pela TV em vez de ir pessoalmente", compara. Embora tenha se tornado amigo de jogadores e de membros da diretoria, não dá palpites na vida dos profissionais da bola. "Não pego no pé deles, não. Aliás, é difícil encontrar algum jogador do São Paulo na noite. A diretoria cuida bem disso. O Juvenal (*Juvêncio, diretor de Futebol*), para mim, é o preferido para ser o presidente do clube. Ele tem mão boa para comandar. Terminei ficando amigo dele, vi que é uma pessoa bacana. Nota 10."

Por falar em dirigentes, compor a cúpula são-paulina está nos planos dele. Atualmente sócio do clube, Henri pensa, um dia, tornar-se conselheiro. "Tenho de aprender para não chegar lá e sair fazendo qualquer coisa. Preciso ter uma base. De repente, começo como auxiliar. Acho que vou fazer aquele curso para dirigente."

O CAMINHO ESCOLHIDO

Não por falta de talento, mas, sim, por convicção, Castelli preferiu não se arriscar nos gramados. Como conhecedor da vida de jogador, sabe das dificuldades em ser atleta. "Cheguei a jogar futebol de salão. Mas acho que é uma vida difícil, já que há pouco tempo de férias. Fica-se concentrado ou treinando e ainda tem de viajar toda hora", opina. "As duas profissões exigem muito (*a de jogador e a de ator*). No entanto, não sou obrigado a permanecer na Globo. É claro que, quando faço personagem grande, praticamente não tenho tempo durante um ano inteiro. Fico totalmente à disposição. Só depois é que descanso um pouco."

Na condição de torcedor, Castelli é um craque. Acumula conhecimento suficiente para escalar uma seleção tricolor com o melhor que existe na história. "Pode pôr Rogério Ceni, Leonardo, Cafu, Dario Pereyra, Oscar, Chicão, Pita, Raí, Mineiro, Careca e Müller, além de Leônidas da

Silva." Apesar da escalação repleta de ídolos, o ator não tem dúvidas quanto tem de apontar o maior deles: Rogério Ceni. A história do goleiro-artilheiro o fascina. "Ele é o grande ídolo por tudo que realizou no clube. É um goleiro diferenciado e está prestes a se tornar o arqueiro com o maior número de gols."

Mas sua lista inclui outros símbolos. "Pouco tempo atrás, diria Raí e Telê San-

tana, que é meu grande herói. Hoje, porém, o Rogério representa muito bem o Tricolor pela vontade que tem de ficar, de querer ser presidente, comandar o clube de que gosta", afirma. "Tinha de ser o titular da seleção. Já está provado que tem liderança. Na final do mundial, mostrou que tem sangue frio. Os convocados para a posição deveriam ser ele, o Marcos e o Júlio César. O Dida, nem levaria."



HENRI CASTELLI

Nascimento: 10/02/1978

Local: São Bernardo do Campo (SP)

Trabalhos na TV: *Belíssima* (Pedro), *Como Uma Onda* (Jorge Junqueira), *Celebridade* (Hugo), *Malhação* (Pedro), *O Quinto dos Infernos* (Augusto), *Um Anjo Caiu do Céu* (Breno), *Esplendor* (Dino) e *Pecado Capital* (Lobato)



Na crista da ONDA

BOSCO foi jogador de vôlei e, por pouco, não partiu para o surfe, mas terminou trilhando um caminho que não fazia parte de seus planos iniciais

Por Alessandro Gonçalves
Colaborou Rafael Furugen

Das ondas do surfe direto para os campos de futebol. Esse é um breve resumo da trajetória de João Bosco de Freitas Chaves, goleiro reserva do São Paulo Futebol Clube. Sua história é mais um exemplo de que o acaso pode interferir na vida de uma pessoa. Afinal, seguiria um entre dois caminhos óbvios. Escolheu, porém, outro que não estava em sua lista de opções. Para compreender os passos que deu, é preciso “mergulhar” em suas origens.

Apesar de ter nascido em Escada, Pernambuco, nem sequer conheceu a cidade.

Em virtude do emprego do pai, teve de segui-lo. Partiu para Camaragibe, subúrbio do Recife. No entanto, mais ou menos aos 7 anos, passou a morar em Janga, no litoral. Sua rotina começaria, naquele instante, a dar mostras de como seria seu futuro.

Todos os dias, Bosco curtia a praia no fim da tarde. Costumava jogar bola e desfrutar o mar na companhia dos amigos. Até que um o convidou a desafiar as ondas. Pronto: fora apresentado a uma de suas primeiras paixões. Surfou uma, duas, três, quatro vezes. Tomou gosto pelo esporte radical e nunca mais parou. Embora não tivesse prancha,

os colegas sempre lhe emprestavam uma.

A ALGUNS PASSOS DO PARAÍSO

Na época, a praia de Porto de Galinhas já era uma tentação. Mas Bosco estava a cerca de uma hora e meia do local. A solução viável ficava em Janga mesmo, num lugar chamado Barra. Após remar cerca de um quilômetro rumo a alto-mar, encontrava o paraíso. “Na entrada, havia uma bancada de coral. Depois dela, rolavam ondas perfeitas”, conta. “Dava para ver até tartaruga-marinha. Foi um dos lugares mais bonitos que já vi.” Se você pensa que o destino dele estava nas águas, engana-se. Naquela

época, ele já jogava, mas vôlei. “Defendi muitos anos a Caixa Econômica Federal.”

O futebol, entretanto, logo o desviaria dessa rota. Aliás, ele começou a pisar nos gramados por causa do surfe. Já que, quando a maré estava seca, esperava “batendo uma bolinha”. Num belo dia, um conhecido o chamou para participar de uma pelada. Bosco foi bem, despertando a atenção de um pessoal que o aconselhou a procurar um clube. Com aproximadamente 16 anos, realizou um teste no Náutico. Passou. Só que a quantidade de goleiros que treinavam no clube o desanimou. Bosco refletiu, resolvendo voltar à vida de antes. O destino, entretanto,

insistia, querendo que ele virasse arqueiro.

Bebendo relaxadamente num bar da cidade, Carlos Chaves - seu pai - deparou-se, por acaso, com um treinador de goleiros de Vitória de Santo Antão. De antenas ligadas na conversa do homem, percebeu que ele estava montando um time. O elenco havia sido formado. Mas ainda faltava, justamente, o camisa um. Chaves não teve pudor em meter o nariz no assunto alheio para dizer que tinha um em casa. Quem deu a boa notícia a Bosco foi uma prima. Ele estava jogando vôlei na praia, quando ela chegou com o recado.

Tudo aconteceu rapidamente. Bosco foi apresentado ao treinador, fez teste no Vitória, assinou contrato e passou a treinar. Depois de subir para a categoria principal, participou de duas partidas. O Sport, que estava interessado nele havia algum tempo, tirou-o do Vitória em 1993. Durante os sete anos que permaneceu no clube, tornou-se ídolo. Em 1999, veio o reconhecimento. Recebeu duas convocações para defender a seleção brasileira, na época dirigida por Vanderlei Luxemburgo, em amistosos contra a Holanda.

A CONTUSÃO

Ainda no Sport, teve séria contusão no ombro. Foi operado em São Paulo e afastou-se dos gramados por oito meses. No retorno, tratou de espantar qualquer desconfiança. Na primeira partida, pegou até pênalti. "Muita gente disse que eu tinha acabado para o futebol", recorda-se. "Graças a Deus, voltei bem."

Na seqüência, Bosco defendeu o Cruzeiro, equipe de que partiu para a Portuguesa de Desportos. No Canindé, deu-se bem. "Minha caminhada foi muito boa, pois fiz ótimos jogos", afirma. "Mas a Portuguesa acabou não me pagando no fim." Na justiça, conseguiu sua liberação e retornou ao

Sport em 2003. Ficou até abril de 2004, quando se transferiu para o Fortaleza. Algum tempo depois, mais precisamente em outubro de 2005, recebeu uma ligação de São Paulo que mudaria sua vida. Do outro lado da linha era Milton Cruz, auxiliar-técnico do Tricolor do Morumbi, que lhe perguntou se gostaria de jogar no clube. A resposta deveria ser dada rapidamente, porque ele seria um reforço para a disputa do Mundial Interclubes, em dezembro.

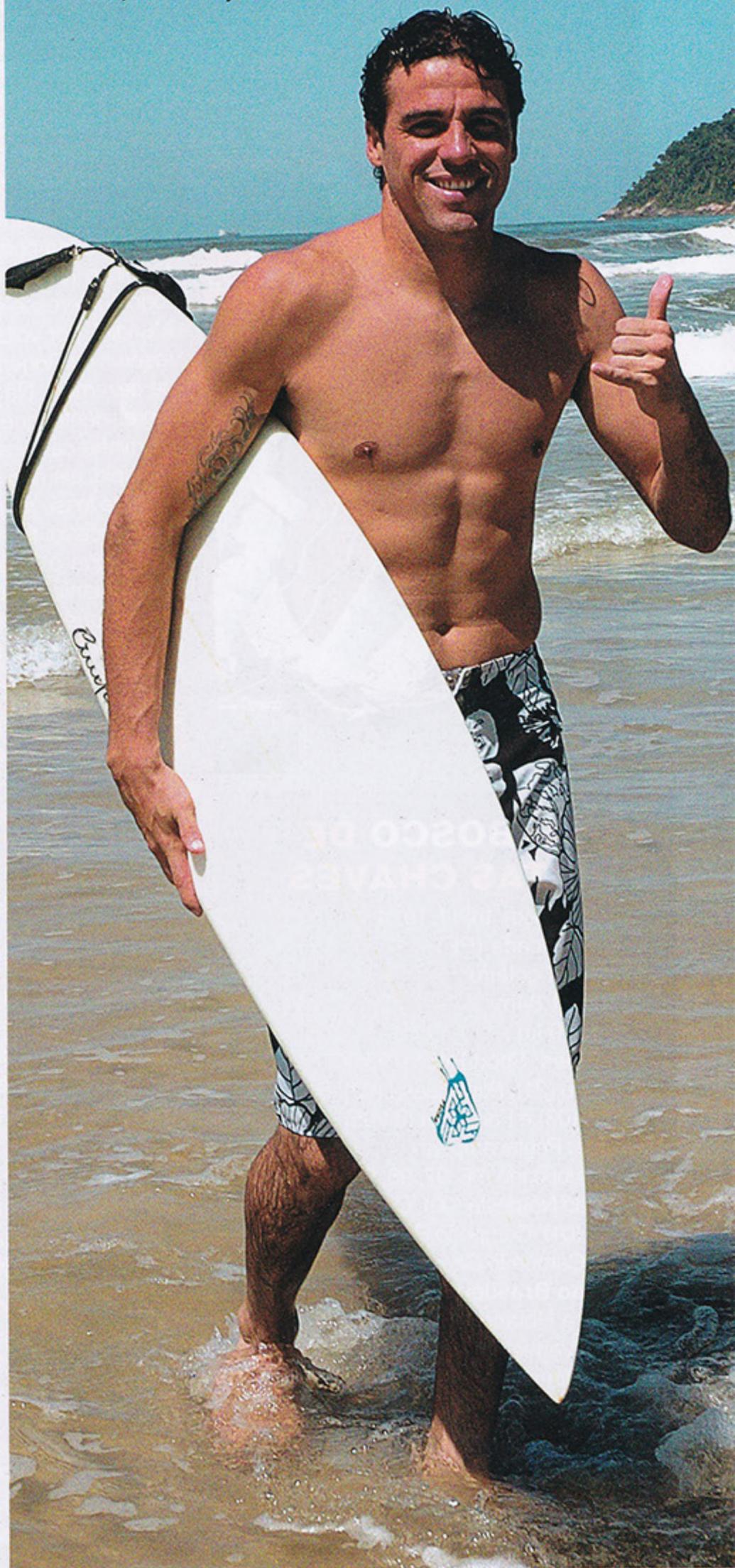
Bosco, então, procurou o presidente do Fortaleza para conversar, que não gostou da idéia. Como a equipe ainda não estava garantida na Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro de 2006, havia o receio de que a saída do arqueiro pudesse comprometer a manutenção dela na principal competição nacional. O argumento que ouviu da boca do dirigente foi o seguinte: "Mas, se libero você agora e o time não vence, a torcida vai cair em cima de mim".

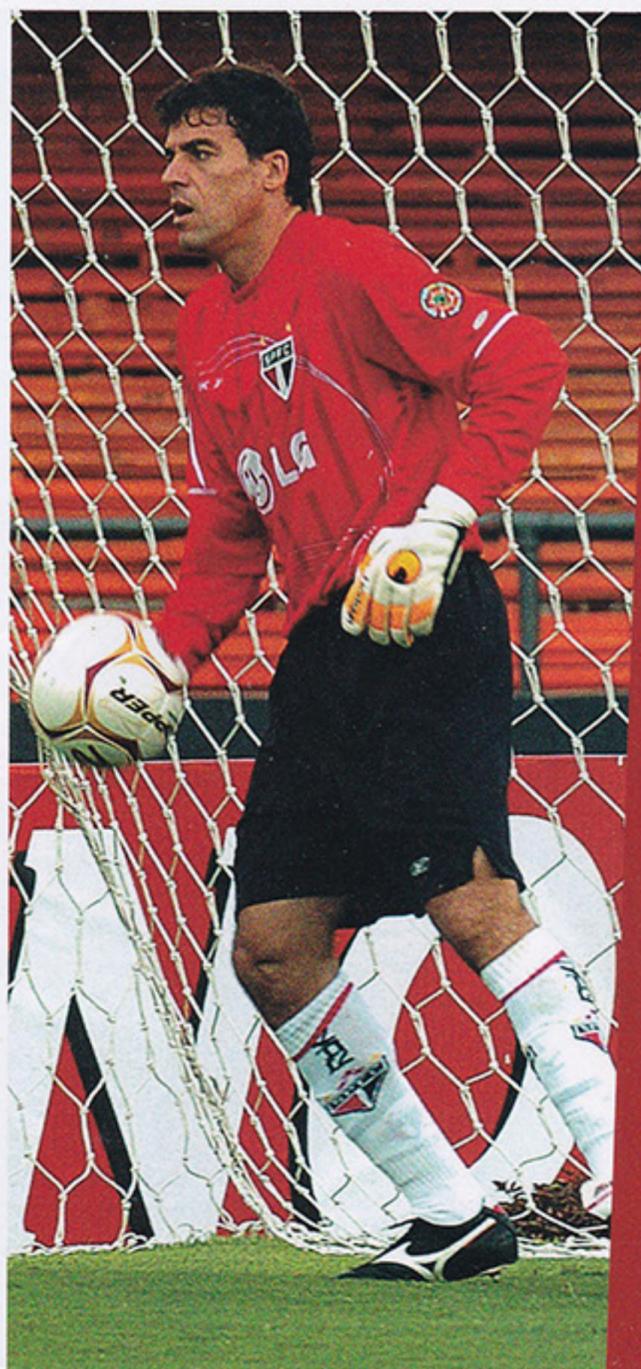
O prazo que tinha recebido estava quase se encerrando. E nada. Somente após algumas outras reuniões com o mandatário, enfim surgiu uma luz no fim do túnel. Como Bosco estava decidido a trocar de ares, o presidente disse que tudo bem. Mas havia algo que o goleiro precisava cumprir. Teria de assumir toda a responsabilidade da transferência perante a opinião pública. "Fui à imprensa e falei que tinha recebido a proposta", comenta. "Abri mão de algumas coisas que tinha para receber, além de ter dito que o Ribamar (*presidente*) não queria de jeito nenhum, mas, como ser humano, entendeu."

A normalidade foi estabelecida com sua liberação e, no último jogo pelo Fortaleza, realizado no Estádio Castelão, a torcida compareceu em peso e com muitas faixas para homenageá-lo. "Estava 3 a 0 (*o adversário foi o Cruzeiro*), e eu não parava de chorar", relembra. "As pessoas agradeceram e me desejaram boa sorte."

COM A PRANCHA

Bosco, enfim, conheceu o litoral paulista: o local escolhido foi a praia do Tombo, no Guarujá





JOÃO BOSCO DE FREITAS CHAVES

Nascimento: 14/11/1974

Local: Escada (PE)

Posição: goleiro

Altura: 1,84m

Peso: 79 kg

Ex-clubes: Sport Recife (93/00), Cruzeiro (01), Portuguesa (02), Sport Recife (03) e Fortaleza (04/05)

Títulos: Pentacampeão Pernambucano (96, 97, 98, 99 e 2000), Copa do Nordeste (00), Copa Sul-Minas (01), Campeão Pernambucano (03) e Campeão Cearense (05)

Seleção Brasileira: amistosos contra a Holanda (1999), jogos contra Venezuela e Colômbia pelas eliminatórias para a Copa do Mundo 2002 e amistosos contra Estados Unidos e México (2001)

BATE-BOLA COM BOSCO

Quando você decidiu ser jogador, sua família o apoiou?

Minha mãe queria que eu seguisse o Exército e jogasse na seleção deles. Achava que eu não teria muito futuro. Até porque não gostava de estudar. Já meu pai comprava luva para mim e me dava dinheiro. Foi a pessoa da família que mais me deu força e acreditou.

Você curte tatuagem, pois tem uma no braço. Que desenho é esse?

Sempre gostei, mesmo quando era novinho. Só que tem de fazer algo que represente muito. Cheguei a dizer a meu pai que queria fazer uma, mas ele não gostava da idéia. E eu respeitava o ponto de vista dele. Depois, casei e virei pai de família. Então cheguei à conclusão de que não morreria com essa vontade, não. Acabei tatuando as iniciais do nome dos meus filhos.

Como se desenrolou a negociação com o São Paulo?

A história começou em outubro do ano passado, quando eu estava no Fortaleza. O Milton (Cruz) ligou perguntando se eu queria jogar no São Paulo. Disse que tinha todo o interesse do mundo. Mas havia um problema. Deveria me apresentar antes do Mundial, por volta de 7 de novembro de 2005. O clube precisava de mim para ser o reserva do Rogério. Meu contrato com o Fortaleza, porém, se encerrava apenas em 31 de dezembro. Não me restou outra alternativa a não ser conversar pessoalmente com o presidente, que é muito meu amigo. Disse a ele que era uma grande oportunidade na minha carreira. Afinal, disputaria o Mundial Interclubes por um excelente clube. A princípio, ele não gostou da idéia. Tinha o receio de que a torcida pegasse no pé dele e o time fosse rebaixado. Falei que eles possuíam um goleiro à altura, que é o Alberico. Depois disso, tive mais três reuniões com o presidente. Foram bem complicadas. Ele queria que o time garantisse pelo menos 50 pontos para me liberar. Eu não podia esperar tanto. O presidente terminou vendo que eu estava disposto a vir para cá. Pediu apenas que eu assumisse toda a responsabilidade perante a imprensa. Respondi que ele poderia deixar comigo. Fui e falei que o Ribamar não queria, mas que ele, como ser humano, entendeu. Chamei toda a responsabilidade para mim.

Aqui, você encontrou o goleiro titular na condição de ídolo absoluto. Não teve receio de ser apenas coadjuvante?

Foi isso que eles (diretores do Fortaleza) argumentaram para mim, mas não poderia perder essa oportunidade. Ser reserva do Rogério Ceni não é demérito para ninguém. Vim para cá imaginando que eu teria poucas oportunidades. O histórico dele é impressionante. Eu o conhecia - fui convocado junto com ele - e sabia que, mesmo machucado, ele jogava. Isso não é ruim. É louvável o fato de um atleta querer jogar sempre. Mas estou feliz demais aqui, pois o ambiente é muito bom, o Rogério deixa todo mundo à vontade e me dou superbem com todos.

É por isso que, no futebol, tanto se fala em alegria?

Ela precisa existir. Imagina chegar ao clube mal-humorado? Numa dividida de bola, pode-se entrar rasgando num companheiro, que, por mais calmo que seja, vai revidar. Quando eu estava no Cruzeiro, cheguei a dizer que não queria voltar para treinar. Tinha contrato de três anos, mas passei apenas um lá. O Edmundo, o Rincón, o Alex, o Sorín estavam no time. Havia estrela demais e, conseqüentemente, muita vaidade. Tinha briga todo dia. De porrada. O Rincón brigava com todo mundo.

Você jogou contra o Rogério?

Joguei, sim, e ele fez um gol em mim quando eu estava na Portuguesa, em 2002. Joguei contra o Rogério umas cinco vezes pelo Sport. Terrível.

Qual é a avaliação que você faz de suas participações no Paulista?

Foi bom para me apresentar, porque deu, de certa forma, para deixar o torcedor tranquilo. Todo mundo já conhecia o Roger, que sempre entrava bem. O São Paulo não tinha essa preocupação. Mas eu precisava superar essa expectativa. Tinha a responsabilidade de jogar aqui, substituindo o Rogério. Encarei de maneira tranquila. Vim para cá pelo que consegui fazer durante minha carreira. Não tem muito mistério. Aliás, jogar no São Paulo é uma motivação para qualquer atleta de futebol. A torcida é maravilhosa. Incentiva pra caramba. Jogar no Morumbi cheio foi uma emoção semelhante à da convocação para defender a seleção brasileira.

Uma administração para a história

Meus colegas de profissão Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa e Juvenal Juvêncio, nestes quatro anos de administração do São Paulo Futebol Clube, fizeram história. Marcelo, como presidente, Juvenal dirigindo o time de futebol.

Não falo apenas das suas realizações, de manifesta visibilidade para todos os sócios do clube, como a reformulação da equipe profissional de futebol, tendo como ponto de equilíbrio Rogério Ceni; a revalorização do clube nos cenários nacional e internacional - hoje uma das oito maiores equipes do mundo e, segundo o "ranking" da *Folha*, a maior equipe do Brasil, com reconhecimento nacional e internacional de seus jogadores e dirigentes - ou ainda dos títulos expressivos que obteve, como o Super-Paulistão de 2002 e o Campeonato Paulista de 2005, além dos fantásticos Tricampeonatos da Libertadores e Mundial Interclubes.

Em relação ao Campeonato Mundial, é o maior campeão do mundo, pois o único, nas duas modalidades (torneio entre todas as confederações e disputa entre as duas confederações que ostentam campeonatos mundiais de nações - UEFA e Conmebol).

Os outros tricampeões (Nacional, Peñarol, Boca Juniors, Milan e Real Madrid) só o são na modalidade jogo único, sendo o Boca Juniors detentor, de rigor, de meio título (2000), pois o outro meio título foi obtido pelo Corinthians (2000), na primeira tentativa da Fifa, sem a presença dos campeões de todas as confederações continentais.

Até mesmo nas substituições de grandes jogadores, houve competência, pois, à saída de cada atleta de expressão, houve a substituição por outro do mesmo nível, fato que também ocorreu com os técnicos (Cuca, Leão, Autuori e Muricy).

E não preciso falar das questões relacionadas às finanças, em que o clube não é dependente de nenhuma empresa, nem é conduzido por estranhos, visto que cabem à diretoria e ao Conselho Deliberativo, exclusivamente, as grandes decisões. O São Paulo é dirigido por são-paulinos e não por estrangeiros ou mercadores do futebol.

Por isto, o São Paulo não sofre os abalos financeiros experimentados por outros clubes, nem suas diretorias ficam em situações constrangedoras, como os que dependem de empresários para pagar suas contas, e não de torcedores.

Nem falo, também, do patrimônio, que cresceu com a aquisição de 220 m² de área territorial, a 21 km do Morumbi, e a construção do Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel para as categorias de base, no curto período de 12 meses.

Na mesma linha, houve a reformulação do Parque Social, com campos de grama sintética (Fifa) para os associados, que podem

aproveitá-lo todo o ano, além de oferecer uma das estruturas sociais de maior qualidade no País.

Tudo isso impressiona, é verdade. Como ex-presidente do Conselho Consultivo, ou seja, do denominado "Conselho dos Cardeais", Conselheiro Nato deste Conselho e Vitalício do Conselho Deliberativo, além de presidir, neste ano de 2006, a "Ordem Perseverança Tricolor", sendo o sócio n. 46 do clube (sócio há 63 anos), quero dizer, entretanto, que o que mais me impressiona é a indiscutível abertura e a convivência com os nossos companheiros da oposição, em nível próprio de um clube diferente. O São Paulo é diferente e a atual diretoria conseguiu que a convivência entre "situação" e "oposição" superasse, graças também à qualidade da oposição, todas as expectativas: fidalguia no trato mútuo, de longe inexistente, neste nível, em qualquer outra agremiação brasileira, especialmente as dominadas pelos mesmos dirigentes há décadas, ou vivendo, em cada nova eleição, cisões que deixam cicatrizes.

O São Paulo é diferente. As divergências compõem-se e o respeito entre vencedores e vencidos, que se alternam no poder, é a qualidade maior desta agremiação esportiva, que honra São Paulo e o Brasil.

E, indiscutivelmente, a atual direção - principalmente com Marcelo e Juvenal - muito fez para o São Paulo atingir o patamar de respeito interno, nacional e internacional que conseguiu.

Embora seja um dos maiores clubes do mundo, não é uma empresa, como os grandes clubes mundiais, nem é uma agremiação em que a explosão de vaidades e de invejas tenha campo para vicejar, como ocorre em outras.

O São Paulo é diferente. Amo-o há 63 anos, amo-o há mais tempo do que aquela que é a inspiradora de meus versos e que namoro há 53 anos. A minha Ruth. Até nisto o meu amor pelo São Paulo é diferente. E por isso minha eterna namorada não tem ciúmes. Porque também aprendeu a amar, como eu, o Clube mais querido da cidade, de São Paulo, do Brasil e do mundo. E nos próximos 200 anos, tranquilamente, o clube mais querido das galáxias!

São Paulo, Março/2006



Ives Gandra da Silva Martins é Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIFMU e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, do Centro de Extensão Universitária e da Academia Paulista de Letras.

Ligado nos LANCES

Gustavo Méndez, árbitro que apitou o primeiro jogo entre SÃO PAULO e RIVER PLATE pela Libertadores do ano passado, é suspenso preventivamente por suspeita de participar de corrupção. Em carta (ao lado) de Juvenal Juvêncio (abaixo) à Conmebol, o Tricolor contestou a atuação do juiz um dia depois da partida contra os argentinos

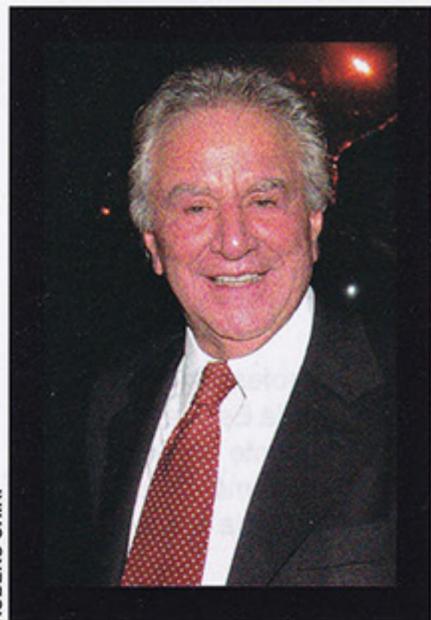
Por Alessandro Gonçalves

Em 22 de junho de 2005, o São Paulo bateu o River Plate por 2 a 0 no Estádio do Morumbi no primeiro jogo da semifinal disputada entre as agremiações pela Libertadores da América. Apesar do

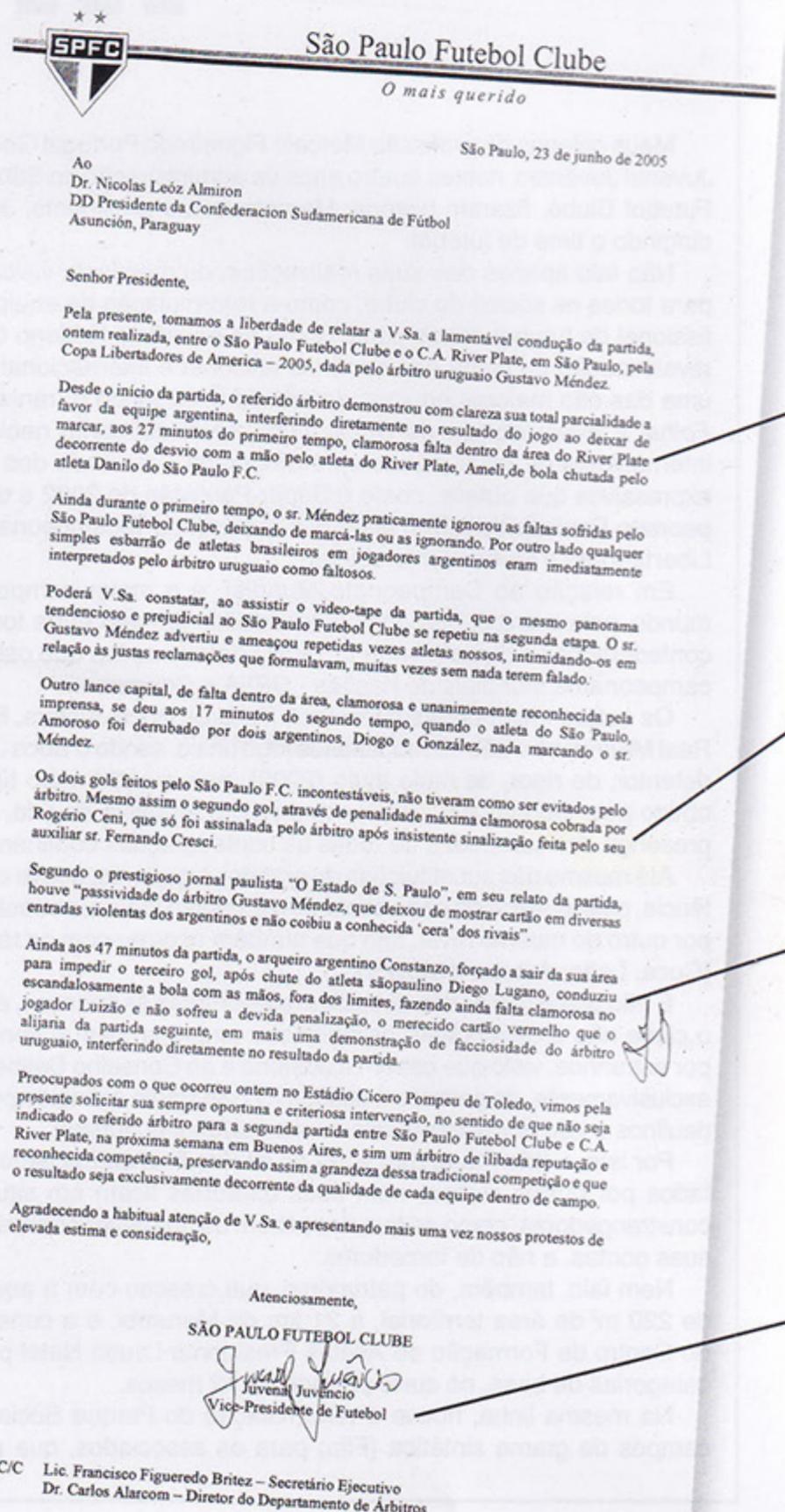
resultado, o clube questionou a arbitragem do uruguaio Gustavo Méndez, que poderia, segundo Juvenal Juvêncio, diretor de Futebol do Tricolor, ter prejudicado os brasileiros.

Atento às ações do juiz, Juvêncio encaminhou imediatamente uma carta a Nicolas Leóz Almiron, presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, a Conmebol, narrando as infrações ignoradas pelo árbitro, como o pênalti que originou o segundo tento tricolor, na verdade marcado por um dos auxiliares dele. No fim do texto, pediu que fosse escolhido outro profissional para apitar a segunda partida entre os times, que ocorreu em Buenos Aires em 29 de junho e foi conduzida pelo chileno Rubén Selman.

A polêmica em torno de



RUBENS CHIRI



Méndez voltou a repercutir este ano. Em reportagem do último dia 7 de março do jornal *La República*, de Montevideo, capital do Uruguai, o empresário Jorge Chijani diz ter recebido, em Buenos Aires, uma quantia de US\$ 20 mil que seria repassada a Méndez para que ele beneficiasse o River Plate em duelo internacional. Segundo a matéria, Chijani reteve US\$ 15 mil por causa das dívidas do juiz com a empresa Lewly S.A. O empresário teria confessado o suborno à mulher de seu ex-sócio, Sergio Hermida. O diário ainda destaca o fato de Chijani ter ciência dos acordos envolvendo Méndez em partidas do River Plate. Pondo mais lenha na fogueira, a equipe argentina

costumava pedir à Confederação Sul-Americana de Futebol, de acordo com o periódico, árbitros uruguaios para apitar seus jogos em competições organizadas pela entidade.

A Associação Uruguia de Futebol resolveu suspender Méndez preventivamente por 60 dias. Em 2005, ele tomou um gancho de duas semanas por ter marcado um pênalti inexistente, aos 51 minutos do segundo tempo, em favor do Nacional na partida contra o Rocha FC pela última rodada do Campeonato Uruguio. O Defensor, em protesto, recusou-se a fazer as finais com o Nacional, que se sagrou campeão. Até o fechamento desta edição, Méndez não havia apresentado sua defesa ao Colégio de Árbitros.

TRECHOS DO TEXTO

Desde o início da partida, o referido árbitro demonstrou com clareza sua total parcialidade a favor da equipe argentina, interferindo diretamente no resultado do jogo ao deixar de marcar, aos 27 minutos do primeiro tempo, clamorosa falta dentro da área do River Plate decorrente do desvio com a mão pelo atleta do River Plate, Ameli, de bola chutada pelo atleta Danilo do São Paulo F.C.

Os dois gols feitos pelo São Paulo F.C. incontestáveis, não tiveram como ser evitados pelo árbitro. Mesmo assim o segundo gol, através de penalidade máxima clamorosa cobrada por Rogério Ceni, que só foi assinalada pelo árbitro após insistente sinalização feita pelo seu auxiliar sr. Fernando Cresci.

Ainda aos 47 minutos da partida, o arqueiro argentino Constanzo, forçado a sair da sua área para impedir o terceiro gol, após chute do atleta são-paulino Diego Lugano, conduziu escandalosamente a bola com as mãos, fora dos limites, fazendo ainda falta clamorosa no jogador Luizão e não sofreu a devida penalização, o merecido cartão vermelho que o alijaria da partida seguinte, em mais uma demonstração de facciosidade do árbitro uruguio, interferindo diretamente no resultado da partida.

Atenciosamente,
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Juvenal Juvencio
Vice-Presidente de Futebol

C/C Lic. Francisco Figueredo Brites – Secretário Ejecutivo
Dr. Carlos Alarcom – Diretor do Departamento de Árbitros

REPRODUÇÃO

LRI21 living INVIERTA EN URUGUAY

DEPORTES 227
Martes, 07 de marzo, 2006 - AÑO 7 - Nº2123

- PORTADA
- TAPA PAPEL
- BIROCE
- SECCIONES
- POLITICA
- ECONOMIA
- EDITORIAL
- JUSTICIA
- MUNDO
- DEPORTES
- COMUNIDAD
- CULTURA
- ARCHIVO
- CLIMA
- FOROS LRI21
- LAS MUJERES

EL ARBITRO HABIA DICHO QUE SI EL ABRÍA LA BOCA, SE ACABABA EL CIRCO

Chijani reconoció que cobró US\$ 20.000 de una coima para Gustavo Méndez

RICARDO GABITO ACEVEDO

El empresario Jorge Chijani, secretario personal y hombre de la más estrecha confianza durante 14 años de Francisco Paco Casal, reconoció que "trajo" (éase cobró) una partida de US\$ 20.000 del exterior, por concepto de una coima que recibió para el árbitro Gustavo Méndez, correspondiente a un partido que éste le arbitró a River Plate de Argentina, por un torneo internacional. La inédita confesión fue realizada por Chijani durante una charla que mantuvo con la esposa de su ex socio Sergio Hermida, donde rompió el silencio e hizo varias confesiones que nunca habían trascendido. Chijani por primera vez reconoció que invirtió US\$ 90.000 en Lewly S.A. y calificó de "hijo de puta, de rata" a Gustavo Méndez por su desastrosa gestión como vicepresidente y gerente general de la empresa, por la cual el árbitro enfrenta una denuncia penal por el presunto delito de estafa.

Versão on-line do jornal *La República* com a reportagem que denuncia Méndez (07/03/06)



El árbitro Gustavo Méndez fue denunciado por el empresario Jorge Chijani.

TRAJO US\$ 20.000 Y LE QUITÓ US\$ 15.000

Chijani manifestó que en una oportunidad trajo US\$ 20.000 desde el exterior (República Argentina) que le dieron para que se los entregara al árbitro Gustavo Méndez, por un partido arreglado, de los cuales le retuvo US\$ 15.000.

"Yo la plata que le saqué a ese hijo de puta, se la di a tu marido. No me la quedó yo. No me quedó yo con ella para descontar lo que me debía. Yo le quería ir sacando a esta rata, porque este ratón, si te robó a vos, me robó a mí también. Soy tan víctima como es tu marido," manifestó Jorge Chijani a la esposa de Sergio Hermida que le reclamaba soluciones financieras para pagar las deudas millonarias que había dejado Gustavo Méndez al frente de Lewly S.A.

De la conversación surge inequívocamente, que Jorge Chijani estaba en conocimiento de pactos antidopados que tenían como protagonista al ex árbitro internacional uruguayo, por lo general, en los partidos que dirige a River Plate de la República Argentina, cuyos dirigentes siempre lo reclamaban para sus partidos en los torneos organizados por la CSF.

Chijani, de acuerdo a sus propias palabras, actuó como un eslabón de esa cadena de corrupción a tal punto que recibió una partida de 20.000 dólares, que el club millonario de Argentina, envió a Méndez como recompensa a los favores del árbitro dentro del campo de juego.

"CÓMO SÉ LOS REVALUOS DE MÉNDEZ"

Jorge Chijani, dijo que estaba expectante de los "revalúos" que pudiera hacer Gustavo Méndez en el exterior pero confesó que sólo una vez logró retenerle una parte de la coima para resarcirse del daño material que éste le había ocasionado en Lewly S.A.

"Yo la única vez que le pude sacar la plata porque yo no vivo en la casa de él. A este Gustavo Méndez desde que pasó el problema en Lewly, dos veces hablé con él por teléfono y una tercera vez que lo quise enfrentar a él, conmigo y con Sergio (Hermida), se nos escapó de la camioneta... Y yo cuando pude sacarle 15.000 dólares, fui y los puse, no me quedó con ella. Yo he hecho todo lo que he podido como ahora que quedó en llevarlo 5.000 dólares a Sergio (Hermida) y no se los llevó. Lo hemos llamado, Sergio lo ha llamado y no contesta los teléfonos. ¿Me entendés? Yo hago lo que puedo para juntar la plata", manifestó el ex secretario de Paco Casal.

¿LE PIDIÓ PLATA A PACO CASALI

Durante la conversación, Jorge Chijani confesó también que un día Gustavo Méndez le pidió que le agendara un encuentro con el empresario Francisco Paco Casal, a quien Gustavo Méndez le pidió dinero prestado para tapar una deuda que éste tenía en un banco.

"Un día cuando fuimos con Sergio que lo queríamos apretar los tres, frente a la cancha de Capurro, apareció uno y pregunté: ¿y éste quién es? Me dijo que era el hermano de Gustavo Méndez. Yo no sabía quién era. Al único hermano que conocí, que si lo puede identificar es uno que cuidaba al padre de Paco (Casal). Yo no conozco nada de la vida de Gustavo Méndez. Yo lo único que hice, cuando Gustavo Méndez le pidió plata a Casal, que la familia y no sé hasta ahora lo que debe en el banco. Entonces es todo lo que sé de Gustavo Méndez", agregó Jorge Chijani durante la charla con la esposa de Sergio Hermida.

La semana pasada, en el programa Las Voces del Fútbol (CX 18) Gustavo Méndez había negado cualquier vinculación con los integrantes de la empresa Tenfield S.A., salvo los que mantuvo en su calidad de integrante de AAFU por la ropa deportiva de los árbitros. Jorge Chijani blanqueó el panorama y dejó muy mal parado al polémico árbitro, manifestando que le había concertado una entrevista con Paco Casal a quien le pidió dinero prestado. Según nuestras fuentes, los "préstamos" fueron varios y se interrumpieron cuando el monto del dinero trepó a cifras preocupantes.

"YO SOY EL BUENO Y USTEDES LOS HIJOS DE PUTA"

El actual socio de Gerardo Rabajda reconoció que empezó a preocuparse cuando Gustavo Méndez retiraba plata para la empresa Lewly S.A. de la cual era socio nunca figuró en los papeles su inversión no tenía retorno.

"Gordó, sos un terrible pelotudo. ¿Sabés por qué? Porque cuando vos viste que yo estaba histórico con la plata de Gustavo Méndez, cuando viste que de última yo inventéirlo llevando, yo por el lado bueno yo soy el bueno y ustedes son unos hijos de puta pero lité sacando plata, que en definitiva es estos lo que hay que buscar, para poder tapar los agujeros, nunca dijiste nada", reprochó Chijani.

Durante la conversación que se extendió por espacio de 57 minutos, Jorge Chijani, reconoció en varias oportunidades que él fue el receptor de la coima que River Plate de Argentina pagó a Gustavo Méndez para favorecerlo dentro de la cancha.

"Yo le saqué (a Gustavo Méndez) 15.000 dólares que me llegaron a mí". Durante la conversación él que fue la mano derecha de Paco Casal durante más de una década, no explicó la vía cómo le llegó el dinero pero es obvio que tenía conocimiento que se trataba de un "paco" antidopado.

"Después se comprometió, porque hice que lo llamara a Sergio, para comprometerlo, dijo que le iba a dar 5.000 (dólares) más; dije 20.000 dólares). Si hace otra cosa por ahí (se refiere a otros partidos internacionales en los cuales Gustavo Méndez recibiría más coimas) y donde yo pueda saber... si yo no sé los revalúos que hace, ¿cómo hago para sacarle la plata?", se preguntaba muy preocupado Jorge Chijani.

SÃO PAULO SOSPECHÓ DE MÉNDEZ

El año pasado, el 23 de junio, el vicepresidente de São Paulo, Juvenal Juvencio envió una dura carta de protesta al presidente de la CSF doctor Nicolás Leoz, expresando su disconformidad a la actuación de Gustavo Méndez, en el partido que su equipo venció de local 2 a 0 a River Plate de Argentina, por la Copa Libertadores de América.

Pese a la victoria, el dirigente paulista reclamó a Leoz que la CSF no le designara más al árbitro uruguayo para sus partidos internacionales por su tendenciosa actuación dentro de la cancha. En esa carta, Juvenal Juvencio reclamaba al doctor Leoz que la CSF designara para la revancha en Buenos Aires, "a un árbitro de elevada reputación y reconocida competencia, preservando así la grandeza de la tradicional competición y que el resultado sea exclusivamente el desenlace de la calidad de cada equipo dentro del campo". La confesión de Jorge Chijani demuestra que el vicepresidente de São Paulo, tenía sobrados motivos para cuestionar a Gustavo Méndez que el año pasado había amenazado públicamente: "Si yo abro la boca, se termina el circo". Pues bien, a partir de esta confesión de Jorge Chijani, el circo se tiene que terminar. "

living Precioso apartamento en Parque Rodó (Montevideo) US\$ 54.000 VENDIDO

1° JOGO

SANTO ANDRÉ 1 X 0 SÃO PAULO**SANTO ANDRÉ**

Júlio César; Diego Padilha, Da Guia e Gabriel; Túlio (Makanaki), Ramalho, Édson Ramalho, Makelele e Pará; Leandrinho (Claudinho) e Roncatto (Carlos Eduardo) • **Técnico:** Roberto Cavalo

SÃO PAULO

Bosco; Fabão, Lugano e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Thiago e Aloísio • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gol: Túlio aos 8min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gabriel, Ramalho e Claudinho; Danilo e Mineiro • **Cartão vermelho:** Gabriel; Lugano • **Data:** 18/01 • **Juiz:** Otávio Corrêa da Silva • **Local:** Estádio Bruno José Daniel, Santo André

2° JOGO

SÃO PAULO 2 X 1 SÃO CAETANO**SÃO PAULO**

Bosco; Edcarlos, Fabão e Alex; Souza (Denilson), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Grafite (Richarlyson) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

SÃO CAETANO

Sílvio Luiz; Thiago, Gustavo e Cléber (Alessandro); Anderson Lima, Marabá, Claudecir (Marcel), Zé Luiz e Triguinho; Marcelinho (Somália) e Dimba • **Técnico:** Nelsinho Batista

Gols: Grafite aos 6min e Dimba aos 7min do primeiro tempo; Mineiro aos 11min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Edcarlos, Bosco, Alex e Fabão; Dimba, Cléber, Anderson Lima e Marcel • **Data:** 21/01 • **Juiz:** José Henrique de Carvalho • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

3° JOGO

SÃO PAULO 0 X 1 JUVENTUS**SÃO PAULO**

Bosco; Fabão, Lugano e Edcarlos (Rodrigo Fabri); Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Grafite e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

JUVENTUS

Paulo Musse; Paulinho (Sérgio Lobo), Maxsandro, Fabrício e Júlio César; Gilvan, Alê, Naves e Renato Medeiros (Paulo Isidoro); Wellington Paulista (Gustavo) e Rafael Silva • **Técnico:** Sérgio Soares

Gol: Sérgio Lobo aos 28min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Edcarlos, Grafite e Thiago; Alê, Fabrício, Gilvan, Paulo Isidoro e Renato Medeiros • **Data:** 25/01 • **Juiz:** Luiz Flávio de Oliveira • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

4° JOGO

SÃO PAULO 3 X 3 GUARANI**SÃO PAULO**

Bosco; Fabão, Lugano e Alex; Souza, Mineiro, Josué (Denilson), Danilo e Júnior; Thiago e Rodrigo Fabri (Roger) • **Técnico:** Muricy Ramalho

GUARANI

Fernando; Nelsinho, Sandro, César e Daniel; Goeber, Elvis, Bilu (Fabiano) e Rodrigo Sá (Mariano); Edmilson e Adilson (Umberto) • **Técnico:** Luiz Carlos Ferreira

Gols: Bilu aos 21min, Thiago aos 30min e Rodrigo Sá aos 45min do primeiro tempo; Souza aos 45s, Roger aos 20min e Edmilson aos 39min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Lugano, Fabão e Josué; Bilu e Rodrigo Sá • **Cartão vermelho:** Elvis • **Data:** 29/01 • **Juiz:** Marcelo Aparecido Ribeiro de Souza • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

PAULISTA

2006

5° JOGO

MARÍLIA 0 X 2 SÃO PAULO**MARÍLIA**

Guto (Bruno); Gum, Téio e Gian (Éder); Bruninho, João Marcos, Fernando (Juninho), Danilo e Michael; Sandro Gaúcho e Wellington Amorim • **Técnico:** Wladimir Araújo

SÃO PAULO

Bosco; Fabão, Alex e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Aloísio (Roger) e Thiago (Richarlyson) • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Júnior aos 27 min do primeiro tempo; Roger aos 45 min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gian, Gum, Juninho e Téio; Aloísio, Fabão, Josué e Mineiro • **Data:** 01/02 • **Juiz:** Antônio Rogério Batista do Prado • **Local:** Estádio Bento de Abreu, Marília

6° JOGO

SÃO PAULO 4 X 2 PALMEIRAS**SÃO PAULO**

Bosco; André Dias, Alex e Edcarlos; Souza, Josué, Mineiro, Danilo e Júnior; Aloísio (Thiago) e Alex Dias (Leandro) • **Técnico:** Muricy Ramalho

PALMEIRAS

Marcos; Paulo Baier (Gioino), Daniel, Gamarra e Lúcio; Marcinho Guerreiro, Correa (Alceu), Ricardinho (Reinaldo) e Marcinho; Edmundo e Washington
Técnico: Emerson Leão

Gols: Danilo aos 45min do primeiro tempo; Thiago aos 24min, Daniel aos 31min, Thiago aos 33min, Edmundo aos 44min e Mineiro aos 46min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Mineiro e Bosco; Marcinho • **Cartão vermelho:** Alceu • **Data:** 05/02 • **Juiz:** Cléber Wellington Abade • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

7° JOGO

SÃO PAULO 3 X 1 PORTUGUESA**SÃO PAULO**

Rogério Ceni; Fabão, Alex e André Dias; Souza, Denilson, Josué, Danilo (Fábio Santos) e Júnior (Richarlyson); Thiago e Alex Dias (Leandro) • **Técnico:** Muricy Ramalho

PORTUGUESA

Gléguer; Peter, Du Lopes, Sílvio Criciúma e Leonardo; Almir, Rodrigo Pontes, Jociválter (Alexandre) e Cléber (Diogo); Johnson e Leandro Amaral • **Técnico:** Giba

Gols: Alex Dias a 1min e Danilo aos 13min do primeiro tempo; Cléber aos 15min e Josué aos 26min do segundo tempo • **Data:** 09/02 • **Juiz:** Rodrigo Martins Cintra • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo



ALEX DIAS
Boa estréia diante do Palmeiras

FOTOS RUBENS CHIRI

8º JOGO

PORT. SANTISTA 0 X 5 SÃO PAULO**PORTUGUESA SANTISTA**

Ronaldo; Joel, Fabão e Lelo (Ricardo Miranda); Marco Aurélio (Rossini), Emerson, Júlio César (Daniel), Alex Silva e Juá; Rodrigo e Rodriguinho • **Técnico:** Sérgio Guedes

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué (Denilson), Danilo e Júnior (Richarlyson); Alex Dias (Leandro) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Thiago aos 19min, Danilo aos 34min e Fabão aos 45min do primeiro tempo; Danilo aos 6min e Richarlyson aos 46min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão e André Dias; Emerson, Júlio César, Ricardo Miranda, Rodrigo e Joel • **Data:** 12/02 • **Juiz:** Luís Marcelo Vicentin Cansian • **Local:** Estádio Urbano Caldeira, Vila Belmiro, Santos

9º JOGO

BRAGANTINO 3 X 3 SÃO PAULO**BRAGANTINO**

Felipe; Eduardo, Nilton e Tiago Vieira; Marcus Vinicius, Mário (Fabiano), Adãozinho, Dinelson (Fernando) e Andrezinho; Marcos Aurélio e Alex Afonso (Nadson) • **Técnico:** Marcelo Veiga

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão (Roger), Lugano e André Dias; Souza (Leandro), Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Alex Dias e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Dinelson aos 2min e Danilo aos 17min do primeiro tempo; Marcos Aurélio a 1min, Thiago aos 24min, Adãozinho aos 34min e Thiago aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Mário, Alex Afonso, Adãozinho e Eduardo; André Dias e Thiago • **Cartão vermelho:** Marcos Vinicius • **Data:** 15/02 • **Juiz:** Anselmo da Costa • **Local:** Estádio Marcelo Stéfani, Bragança Paulista

10º JOGO

SÃO PAULO 5 X 1 PAULISTA**SÃO PAULO**

Rogério Ceni; Edcarlos, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Fábio Santos) e Júnior (Richarlyson); Alex Dias (Leandro) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

PAULISTA

Rafael; Lucas, Réver, Nivaldo e Fábio Vidal; Amaral, Glaydson, Samir (Abraão) e Beto (Douglas); Jean Carlos (Wesley) e Muñoz • **Técnico:** Vagner Mancini

Gols: Danilo aos 12min, Nivaldo aos 26min, Souza aos 28min e Alex Dias aos 30min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 24min e Alex Dias aos 28min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Souza; Amaral • **Data:** 18/02 • **Juiz:** Élcio Paschoal Borborema • **Local:** Paulo Machado de Carvalho, Estádio do Pacaembu, São Paulo

11º JOGO

SÃO PAULO 3 X 0 MOGI MIRIM**SÃO PAULO**

Rogério Ceni; André Dias, Lugano e Edcarlos; Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Rodrigo Fabri) e Júnior; Alex Dias (Leandro) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

MOGI MIRIM

Edervan; Preto, Alexandre Luz e Xandão; Dudu, Wellington, Pepo (Marcus Vinicius), Fernando (Ramirez) e Wesley; Dinei e Marquinhos Alagoano (Gerson) • **Técnico:** Círio Quadros

Gols: Mineiro aos 7min, Souza aos 10min e Rogério Ceni aos 34min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Souza e Thiago; Wesley • **Data:** 22/02 • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Local:** Estádio Anacleto Campanella, São Caetano do Sul



SOUZA
Agora na
lateral-direita



DANILO
O cara que não
treme em clássicos

12° JOGO

PONTE PRETA 1 X 2 SÃO PAULO

PONTE PRETA

Jean; Luciano Baiano, Preto, Thiago Matias e Iran; André Silva, Ricardo Conceição, Dionísio (Vandinho) e Élson; Luiz Mário (Vanderlei) e Almir (Jean Carlos) • **Técnico:** Oswaldo Alvarez

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Lugano e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Alex Dias e Leandro (Roger) • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Danilo aos 12min, Luiz Mário aos 19min e André Dias aos 47min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Ricardo Conceição, Iran, Dionísio, Preto, Vanderlei e Jean; Mineiro, Lugano e Roger • **Cartões vermelhos:** Élson e Luiz Mário • **Data:** 25/02 • **Juiz:** Phillippe Lombard • **Local:** Estádio Moisés Lucarelli, Campinas

13° JOGO

SÃO BENTO 2 X 0 SÃO PAULO

SÃO BENTO

Fabiano; Odirlei, Jeci, Márcio Santos e Júlio César (Luizinho); Emerson, Magal, Rincon e Marcos Aurélio; Evandro (Leandro Moreno) e André Leonel (Celsinho) • **Técnico:** Abelha

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Lugano e Alex (Leandro); Souza, Mineiro, Denilson, Danilo e Júnior (Richarlyson); Alex Dias (Lima) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: André Leonel aos 20min do primeiro tempo; Celsinho aos 48min do segundo tempo • **Cartões Amarelos:** Júlio César, Magal, Leandro Moreno, Emerson e Rincon; Lugano e Denilson • **Cartão Vermelho:** Lugano • **Data:** 05/03 • **Juiz:** José Henrique de Carvalho • **Local:** Estádio Walter Ribeiro, Sorocaba

14° JOGO

CORINTHIANS 1 X 2 SÃO PAULO

CORINTHIANS

Johnny Herrera; Wendel (Renato), Betão e Marcus Vinícius; Rosinei, Marcelo Mattos (Élton), Mascherano, Ricardinho (Roger) e Gustavo Nery; Rafael Moura e Nilmar • **Técnico:** Antônio Lopes

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Alex e André Dias; Souza, Mineiro, Josué, Danilo e Richarlyson (Fábio Santos); Alex Dias (Denilson) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Danilo aos 29min do primeiro tempo; André Dias aos 3min e Nilmar aos 31min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Betão, Rafael Moura, Marcus Vinícius, Wendel, Rosinei e Roger; Danilo, André Dias e Denilson • **Cartão vermelho:** Mineiro • **Data:** 08/03 • **Juiz:** Sálvio Spinola Fagundes Filho • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

15° JOGO

SÃO PAULO 1 X 1 NOROESTE

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Alex (Leandro) e Fabão; Souza, Denilson, Josué, Danilo e Richarlyson; Alex Dias (Lima) e Thiago • **Técnico:** Muricy Ramalho

NOROESTE

Mauro; Paulo Sérgio, Reginaldo Nascimento, Edmílson e Cláudio; Hernani, Luciano Santos, Lenílson e Luciano Bebê (Marcelo); Rodrigo Tiuí (Otacílio Neto) e Leandrinho (Felipe Oliveira) • **Técnico:** Paulo Comelli

Gols: Thiago aos 10min e Leandrinho aos 18min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Leandro e Denilson; Cláudio, Luciano Bebê, Reginaldo Nascimento e Otacílio Neto • **Data:** 18/03 • **Juiz:** Luiz Flávio de Oliveira • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

A saga de Tóquio

Por Affonso Renato Meira

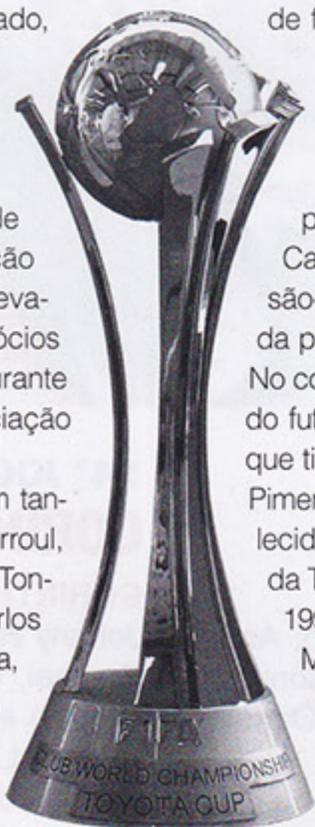
Presidente do Conselho Deliberativo

O tempo passou, os festejos terminaram, a alegria diminuiu, a vida retornou à sua rotina normal e a grande vitória que trouxe a tríplice conquista da Copa Toyota começa a ser passado, mas um passado glorioso, inspirador de um futuro que deve ser vitorioso.

Os triunfos do São Paulo Futebol Clube na Taça Toyota e no Campeonato Mundial Interclubes caracterizam uma saga que, nos idos de 1976, foi assunto de alguns. Até então, não havia no clube uma preocupação mais intensa com a disputa da Copa Libertadores que levava à liderança mundial. Naquela época, um grupo de sócios e alguns conselheiros reuniam-se nos altos do restaurante Gouveia, do Sebastião Duarte, constituindo uma associação que se denominava Legião Renovadora.

Lá, estavam os líderes Werneck e Paulo Cunha com tantos outros companheiros: Affonso Covello, Sergio Bourroul, Ubirajara de Souza, Alcides, Sergio Canzian, Onofre, Tonidin, Sant Anna, Odair Busoli, Cutolo, Pérsio Rainho, Carlos Brisolla - então candidato a presidente -, Octávio Funcia, Arlindo Fuim, José Acras, Benito Diego, Walter Handro, Toninho Acras, João Duarte, José Aranha, Paulo Miguel, Leônidas, Paulo Gosson, Wolfgang e outros mais que o tempo longo e a memória curta não me trazem à baila.

E foi numa dessas reuniões que tive a idéia de lançar um movimento que foi denominado Projeto Tóquio. Era o desejo da oposição de motivar a direção do clube visualizando a possibilidade de o Tricolor passar a se preocupar com a Copa Libertadores. Publiquei, então, um pequeno artigo que tratava do assunto em um jornal veiculado no clube. Não tenho a pretensão de que tal fato tenha provocado qualquer movimento no sentido solicitado. Mas, ao tratar da saga, é preciso lembrar esse desejo de um grupo de sócios e conselheiros. O impacto foi pequeno.



O assunto continuou morno dentro do clube. Mas algumas medidas feitas com o sentido de dar maior competitividade ao time de futebol foram cruciais para que a saga seguisse e fosse vitoriosa. Desde a inauguração do estádio, os títulos começaram a voltar e o desejo de vãos mais alentados surgiu junto.

A construção do Centro de Treinamento para o time principal de futebol, realizada durante a Presidência do Carlos Miguel, e que contou com a participação de outros são-paulinos ilustres, foi um ponto que iniciou a transformação da preparação do time de futebol de empírica para científica. No começo dos anos 90, com a contratação do Telê, a direção do futebol constituída por uma diretoria - inovação do clube - que tinha Fernando Casal de Rey como diretor e apoiada pelo Pimenta como presidente, com uma preparação física estabelecida com conceitos modernos, foi possível obter a conquista da Taça Toyota Libertadores nos anos de 1992 e 1993. E a de 1994 foi perdida no erro de um chute da marca de pênalti. Mais que isso, nesses anos vencendo as agremiações do Barcelona em 1992 e a do Milan em 1993, o São Paulo Futebol Clube foi bicampeão mundial.

Doze anos depois, com o Paulo Autuori como técnico, a direção do futebol profissional com o Juvenal, com o apoio do Marcelo como presidente, e com a eficiente preparação previamente planejada, com recursos modernos existentes no Reffis, inaugurado na gestão Marcelo Portugal Gouvêa, o time chegou aos jogos finais pronto sob o ponto de vista físico e psíquico para tudo. E foi o que se viu. A tríplice conquista da Copa Toyota e do Campeonato Mundo Interclubes da FIFA. Este é o destino desse clube que seguirá vitorioso. É possível dizer e acreditar que o Tetra vem aí, pois a saga de Tóquio vai perdurar.

FOTOS RUBENS CHIRI

Novo campo society

Reunir os amigos para uma partida de futebol ficou ainda mais agradável com a inauguração do novo campo society (ao lado), em 25 de março, no São Paulo FC. Instalado pela empresa Forbex, o espaço ganhou gramado sintético de alta qualidade que proporciona melhores condições de jogo. Para José Miguel de Andrade, diretor do Futebol de Campo Social, o investimento trará ótimo retorno para o clube e, principalmente, para os sócios. "Procuramos atender às necessidades dos frequentadores do Tricolor buscando melhorias. Esses empreendimentos trarão ainda mais adeptos à prática do futebol", disse.

A preocupação com o bem-estar de crianças e adultos que usufruem o campo também somou na revitalização do local. "Com a colocação do novo sintético, além de oferecer conforto e segurança, reduzirá os riscos de lesões, contusões e esfolamentos", ressaltou Andrade. Outras obras foram realizadas, como troca dos alambrados, cobertura dos bancos de reserva e colocação de placares eletrônicos nos campos sociais 1 e 2. O pioneirismo do São Paulo FC em investir em benfeitorias é resultado do trabalho da atual diretoria, que aposta na modernidade do clube.



Reebok apresentou camisa nova

A empresa americana Reebok, nova fornecedora de uniformes do São Paulo, apresentou em janeiro a camisa do time para a temporada 2006. Em evento fechado, que contou com convidados e imprensa, modelos desfilaram a coleção de passeio e streetwear do clube, afora os uniformes de jogo, treino e viagens.

A principal novidade ficou por conta da terceira estrela vermelha, relativa à conquista do tricampeonato mundial. Sem vestir uma agremiação brasileira há sete anos, a Reebok assinou contrato com o São Paulo até 2008. Mas está prevista a possibilidade de o acordo ser prolongado até 2010, que, aliás, é o maior do futebol nacional, chegando à marca de R\$ 21 milhões por ano.

Programa de Formação de Dirigentes chega ao fim



O São Paulo encerrou, em janeiro, o Programa de Formação de Dirigentes que começou em 2005. Destinado aos torcedores associados, o curso objetivou o desenvolvimento e a capacitação de novos líderes, visando ao aprimoramento da gestão do clube. Para partici-

par do módulo vivencial, 12 associados foram escolhidos com base nos critérios de formação educacional, especialização, função profissional e entrevista pessoal.

Na solenidade, os formandos Antônio Carlos G. Filho, Carlos Alberto de Albuquerque Prado, Cláudio Akihiro Inoue, Cláudio Trápaga F. do Nascimento Filho, Eduardo T. de Barros, Faissal Yunes, Fernando Cássio Fernandes, José Carlos F. Alves, Luis Geraldo S. Lanfredi, Paulo Affonseca de B. Faria Neto, Roberto Soares Armelin e Rossano Nonino (*acima*) receberam o certificado de conclusão.

Aproveitando a ocasião, o Tricolor homenageou são-paulinos ilustres de diversos segmentos, que foram condecorados com uma medalha comemorativa ao tricampeonato mundial conquistado pelo São Paulo FC em dezembro, no Japão.

Parceiros tricolores

Por meio das empresas parceiras Kagiva, Nostra Mama, Sadia e Arcor, o São Paulo FC pôde oferecer aos seus funcionários, em 2005, uma cesta natalina com produtos de ótima qualidade.



Não há nada no mundo que se compare!

Circunstâncias impediram-me que conhecesse antes o novo Centro de Treinamento do São Paulo, em Cotia, apropriadamente denominado Laudo Natel, pois tudo o que se faça para homenagear o nosso ex-presidente e ex-governador de São Paulo sempre será pouco, se se considerar o que ele fez pelo clube.

Mas creio que fui feliz, pois conheci esse empreendimento que teve, em grande parte, a presença, a atuação do Juvenal Juvêncio.

Tenho a pretensão de dizer que conheço uma grande maioria de clubes europeus e, portanto, igualmente, seus centros de treinamento, pois, um dia, na companhia do Jaime Franco, tivemos a idéia de fazer associações com clubes da Europa para trocar informações e mesmo jogadores.

Pois posso afirmar, sem receio de erro, que em nenhum lugar do mundo existe algo pelo menos parecido com o que o São Paulo construiu na busca de dar à agremiação, ao longo do tempo, qualidade e revelar jogadores, porque hoje esse é o grande empreendimento dos clubes que quiserem sobreviver, já que seria impossível, infelizmente, enfrentar a concorrência de agremiações com orçamentos no mínimo 100 vezes maiores que os dos maiores clubes brasileiros.

Realmente, uma obra fantástica! Um empreendimento que torna o São Paulo, uma vez mais, pioneiro, como já o fora, antes, quando construiu o maior estádio de futebol, particular, do mundo! Vale a pena conhecê-lo e eu mesmo sugeri que o clube organizasse visitas semanais para os nossos torcedores, como sugeri, igualmente, que se realizasse lá um almoço, convidando os presidentes de todos os clubes, primeiro de São Paulo, depois do Brasil, para que eles mesmos pudessem ver e entender o significado dessa obra. Como diria o João Brasil Vita, o São Paulo FC é simplesmente diferente!



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Olten Ayres de Abreu lança livro

A vitoriosa trajetória de Olten Ayres de Abreu é retratada no livro *A Saga de um Vencedor*, cujo lançamento ocorrerá em 3 de abril, no Salão Nobre do São Paulo Futebol Clube. A compilação traz fatos marcantes de sua vida no meio esportivo e na sociedade. Olten tem vasto currículo que lhe rendeu grandes momentos como atleta, dirigente de futebol, advogado, professor de educação física, jornalista, treinador e árbitro. Na ocasião do jogo inaugural do Morumbi, teve o privilégio de apitar São Paulo FC 1 x 0 Sporting Lisboa, em 2 de outubro de 1960. Esteve presente, também, à partida entre Santos e Fluminense, que ocorreu no Estádio do Maracanã, quando Pelé marcou seu gol de placa. E, na Copa do Mundo do Chile, em 1962, lá estava Olten Ayres novamente em campo. Essas e outras passagens do notório conselheiro vitalício nº 33 do São Paulo FC podem ser conferidas em sua obra.

REPRODUÇÃO



Paz através dos esportes

Por Olten Ayres de Abreu

Conselheiro vitalício do São Paulo FC

A glória é haver chegado ao pódio de uma olimpíada o atleta branco, negro ou amarelo, porque, nessa situação, não existe o problema racial, graças ao nosso bom Deus. Por isso, todos os que militam no desporto devem, sempre que possível, homenagear o falecido francês Jean Pierre de Coubertin. Este, desgostoso com as facções políticas e raciais que separavam cada dia mais os homens e as nações, pensou no fundamento da moralidade humana verdadeira e no respeito mútuo, mas, para que realmente exista respeito mútuo, é necessário que nos conheçamos melhor. Imaginou que, nas competições esportivas, os homens se uniriam e aprenderiam a conviver em paz. Pierre de Coubertin renunciou a quase tudo e passou a viajar propondo, evidentemente na época, a ressurreição dos jogos olímpicos. Sua idéia tomou corpo e, mediante a compreensão e a ajuda de personalidades de muitas nações, teve o seu sonho e objetivo concretizados no dia 5 de abril de 1896, quando o Rei Jorge I da Grécia inaugurou formalmente, em Atenas, os "Jogos Olímpicos Modernos".

A glória nos Jogos Olímpicos não é vencer e, sim, participar. O essencial não é conquistar e, sim, lutar. Poderia citar histórias de grandes atletas do século, de suas lutas, seus sacrifícios e suas conquistas. O importante não é o fato de aqueles atletas terem ganhado fama e



medalhas no pódio e, sim, terem, através dessas conquistas, aprendido a ser vencedores no jogo da vida, hoje tão conturbada e imprevisível. Na vida, o perigoso é como o falecido e inesquecível presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy disse: "Olhar em vez de atuar, montar em vez de caminhar".

A vida é mais séria do que todos os jogos, gostemos ou não, teremos que correr nossa carreira. Não podemos ser apenas espectadores. Observando os vencedores, aprenderemos a vencer.

O que pretende a nova geração tão cheia de conflitos? A quem cabe a culpa? Aos pais? Aos mestres educacionais? À sociedade atual? Ou ao afastamento das competições esportivas, em modalidades estritamente amadoras, como atletismo, natação, basquete, vôlei etc.?

Se desejamos a tão decantada paz universal, precisamos eliminar a ociosidade. Como? Abandonando a idéia: "Como é bom não fazer nada". Renunciar a muitos prazeres e passar a estudar mais, a trabalhar mais. Só assim, a nova geração poderá reconduzir o mundo atual, tão difícil e inseguro, àquela paz que tanto almejamos e pela qual oramos.

Criança, jovem, estudante, trabalhador, reserve apenas uma hora por dia para praticar esporte e ele trará para você saúde, amor e paz.

MORUMBI

Os primórdios de um dos melhores e mais modernos estádios de futebol do mundo



Ordem e harmonia jamais vistas

Ao ser convidado para dirigir o departamento de Relações Internacionais do São Paulo FC, assumi o compromisso, uma vez que o quadro político se avizinhava, estando eu sem ligação tanto para um lado como para o outro, para trabalhar com afinco pela instituição. Tendo trazido os maiores patrocinadores da história do Tricolor (IBF, Tam, Bombril e LG), pude mostrar eficácia na administração do clube.

Não tenho nenhuma pretensão de chegar à presidência do São Paulo, mas quero e vou continuar contribuindo para o crescimento do clube, como sempre fiz, pois percebi que o Tricolor está em plena ordem e harmonia como nunca havia visto antes.

O Centro de Treinamento dos atletas profissionais, na Barra Funda, está muito bem cuidado e organizado. Os campos encontram-se em perfeitas condições para que os jogadores possam executar o trabalho, assim como todo o suporte necessário para produzirem melhor.

O Morumbi é, sem dúvida, o melhor estádio do País. Está lindo. A administração interna proporciona facilidade para o desenvolvimento de todos os departamentos, em especial no futebol. O conforto dos novos camarotes tem de ser ressaltado. Eles não deixam nada a desejar aos estádios mais modernos do mundo.

Já o Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel é um grande sonho do meu amigo e irmão Telê Santana que o clube realiza. Aliás, Telê sonhava em ter cinco campos. Olha, Telê, lá em Cotia temos oito, em perfeitas condições. Portanto, mestre, abra seu sorriso de satisfação!

Todo esse somatório administrativo, junto com os títulos alcançados pelo Tricolor em 2005, em especial o tri mundial, no Japão, faz-me lembrar a máxima milenar do futebol: em time que está ganhando não se mexe. O que é bom deve permanecer. Tenho

certeza de que os grandes são-paulinos que pensam no bem e no engrandecimento do clube irão concordar comigo.

Enaltecendo os homens do passado que nos deixaram este tão grande legado, a saber: Dr. Piragibe Nogueira, Dr. Laudo Natel, Dr. Manoel Raimundo Paes de Almeida, Dr. Henry Aidar, Dr. Waldemar Mariz de Oliveira e o querido Dr. Galvão, eu não poderia deixar de incluir os atuais dirigentes Marcelo Portugal Gouvêa, que esteve na presidência do clube com uma postura autêntica à altura do clube, Juvenal Juvêncio, o novo engenheiro do futebol, e ao Dr. Affonso Renato Meira, presidente do Conselho, que, juntos, não só engrandeceram o São Paulo no cenário esportivo mundial, mas em seu patrimônio.

Por fim, saúdo todos aqueles são-paulinos que sacrificaram e continuam sacrificando suas vidas em nome do São Paulo Futebol Clube. Em especial aos Diretores, Conselheiros e familiares.

Não poderia deixar de reconhecer o carinho e o sacrifício de todos os ex-presidentes que ajudaram a construir a vitoriosa história do São Paulo.



Carlos Caboclo

Quando diretor de Comunicação, foi o principal responsável pelo retorno da revista *São Paulo Notícias*, que ficou 14 anos ausente. Foi também diretor de Marketing, do Futebol Amador, assessor e consultor da Presidência e adjunto do Futebol Profissional. Entre tantos serviços prestados ao São Paulo, foi quem trouxe ao clube o técnico Telê Santana. É portador da Medalha Anchieta e do Diploma de Gratidão da cidade de São Paulo outorgados pela Câmara Municipal por relevantes serviços prestados ao Esporte quando diretor das Federações Paulista de Futsal, Vôlei, Basquete e Handebol. Hoje, Carlos Caboclo ocupa a Diretoria de Relações Internacionais do São Paulo Futebol Clube.

O São Paulo e o Campeonato Paulista



O torcedor de futebol com certa frequência vai buscar no fundo do baú, ou desenterra dos anais da história, determinadas informações que nada têm a ver com a essência dos acontecimentos, mas apenas para causar polêmica e enaltecer seu time do coração ou para denegrir a imagem do adversário.

Estava lendo outro dia acalorada discussão entre um santista e um corinthiano sobre a final de 1984. O santista falava em "final" e o seu opositor rebatia com veemência, dizendo que não houve final porque o campeonato era por pontos corridos. Não seria o caso de perguntar se o gol do Serginho valeu ou não valeu? Ele calçava uma chuteira preta com cadarços brancos.

Alguns fatos, no entanto, camuflados pela nebulosidade resultante do passar do tempo, vão cristalizando as versões predominantes em certos ambientes ou em determinadas épocas, dificultando um juízo de valor de acordo com a essência de sua realidade. Entendemos que a história verdadeira do Campeonato Paulista, para efeito de avaliação de conquistas, deveria ser iniciada a partir de 1933, época em que foi estabelecido o profissionalismo. Antes disso, reinava verdadeira bagunça, com várias Ligas disputando o mesmo campeonato, cada uma composta por um aglomerado de equipes de onde saíam diferentes campeões.

É certo que esse estado de coisas ainda perdurou por algum tempo, mesmo no regime profissional, até que tudo se normalizasse com o surgimento da LFESP, que depois virou a Federação Paulista de Futebol; e a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940. Em certo momento do amadorismo - final da década de 1920 -, quando já se falava abertamente na instituição do profissionalismo, imperava o que os críticos esportivos costumavam chamar de "amadorismo marrom".

O regime era "amador", mas os melhores jogadores quase sempre (mais sempre do que quase) recebiam o seu "por fora". Praticamente um período de transição. Nessa época, o trio de ferro era composto por Paulistano, Palestra Itália (hoje Palmeiras) e Corinthians.

O São Paulo Futebol Clube só veio a ser fundado em 1930. Um time forte que surgiu naturalmente para ocupar o espaço que estava se abrindo em razão do desinteresse manifesto do Paulistano, time de elite, em participar do regime profissional, cujas raízes, de cunho nitidamente popular, vinham se alastrando rapidamente, e sua consolidação parecia iminente, como realmente foi, a partir de 1933. Nesse momento, o futebol perdeu sua fisionomia aristocrática e passou a ser a coqueluche das massas.

Com o abandono do Paulistano, a maioria dos seus jogadores passou a integrar a equipe do São Paulo, que disputou diretamente o título durante cinco anos seguidos, sendo vice-campeão em 30/32/33/34 e campeão em 1931. Nada disso valeu porque o clube - pela inexperiência de alguns e o excesso de vaidade de outros - quis ser maior do que era, deu passos maiores do que as pernas permitiam e caiu em insolvência, tendo de encerrar suas atividades.

Seus abnegados torcedores - entre eles, o saudoso e inesquecível general Porfírio da Paz, a quem o São Paulo ainda deve uma estátua -, no entanto, não se conformaram e, no dia 16 de dezembro de 1935, fizeram ressurgir o São Paulo Futebol Clube de hoje, com a mesma camisa, os mesmos torcedores, a mesma bandeira, os mesmos ideais, mas juridicamente desvinculado daquele de 1930 que passou a ser chamado de São Paulo Futebol Clube da Floresta. Essa é a razão pela qual alguns historiadores não consideram para o São Paulo FC aquele título de 1931. Embora ele seja contabilizado para o Tricolor pela própria Federação Paulista de Futebol.

Não devemos nos esquecer, entretanto, de que o artigo primeiro dos Estatutos do clube reza: "O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, fundado nesta capital do Estado de São Paulo em 25 de janeiro de 1930, tendo visto suas atividades suspensas em 14 de maio de 1935 e reiniciadas em 16 de dezembro de 1935,

é uma sociedade civil com prazo de duração indeterminado...".

E, no parágrafo terceiro do mesmo artigo, acrescenta: "Os dias 25 de janeiro e 16 de dezembro representam as datas magnas do São Paulo Futebol Clube em homenagem à fundação da Cidade que lhe dá o nome e em comemoração à instituição e à restauração do clube".

Esse respeito às tradições do São Paulo de 1930 já constava dos estatutos elaborados em 1935, segundo informações que recolhemos de *São Paulo FC, Saga de um Campeão*, livro de Ignácio Loyola Brandão, na palavra do eminente são-paulino Carlos Ferraz. Disso resulta que, juridicamente, é fácil sustentar que aquele São Paulo Futebol Clube fundado em 25 de janeiro de 1930 nada tem a ver com o São Paulo Futebol Clube fundado em 16 de dezembro de 1935. O que é difícil, quase impossível, é separar a essência de um e de outro. Os fatos não se ajustam à realidade do modelo.

Caso parecido com esse é o Campeonato Paulista de 2002. Pelo regulamento, o campeão é o Ituano. Mas eu pergunto: como pode ser campeão se não enfrentou, quando foi considerado campeão, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, São Caetano, Santos, Portuguesa, Santo André, Paulista, Ponte Preta e Guarani? Empenhados que estavam estes em outras competições.

No entanto, na segunda fase, quando participaram todos os times grandes de São Paulo, lá estava o Ituano fazendo a final contra o São Paulo FC depois de eliminar o Corinthians. Perdeu pelo escore de 4 a 1. Se houvesse vencido, seria legitimamente considerado o "Supercampeão de 2002". O título de campeão seria absorvido pelo de Supercampeão. Mas qual é a situação do São Paulo FC, que foi o vencedor do "Super-Paulistão" de 2002 sem ser o campeão Paulista? Pode ser até que alguns torcedores prefiram o pomposo título de "Campeão do Super-Paulistão". Mas a grande maioria, imagino, preferiria somar mais um título de Campeão Paulista para compensar aquele de 1931 que ficou fora.

Casos parecidos, de campeões pela metade, podemos encontrar na fase do amadorismo, em que coexistiram diversas Ligas - LPF, APEA, LAF, cada uma com o seu campeão -, como aconteceu em 1913, ano em que o Paulistano foi campeão pelas duas ligas (?) - LPF e APEA. É o que diz a história.

Em 1914, o Corinthians foi campeão pela LPF e o São Bento pela APEA. Em 1916 foi a vez de o Corinthians ser campeão pela LPF e o Paulistano pela APEA. Em 1926, o Palestra Itália foi campeão pela APEA e o Paulistano pela LAF. Em 1929, o Paulistano foi campeão pela LAF e o Corinthians pela APEA. Em 1935, o Santos foi campeão pela LPF e a Portuguesa de Desportos pela APEA. Em 1936 foi a vez de Palestra e Portuguesa dividirem novamente (LPF e APEA).

A partir dali, unificados os clubes sob a égide da LFESP - Liga de Futebol do Estado de São Paulo -, o futebol foi se organizando e tomando rumos definitivos, que se consolidaram de vez com a fundação da Federação Paulista de Futebol e a inauguração do Pacaembu. Depois disso, o único caso verdadeiramente esdrúxulo foi a divisão do título em 1973 entre Santos e Portuguesa em virtude de clamoroso erro de Armando Marques na contagem dos pênaltis.

Se considerarmos apenas a partir de 1933 - quando acabou o amadorismo e os quatro grandes passaram a ter o mesmo número de campeonatos disputados -, o São Paulo FC foi campeão 21 vezes, o Corinthians 16, o Palmeiras 16 e o Santos 14. Inter de Limeira, Bragantino, Ituano e São Caetano, uma vez cada um.



Guaracy Sampaio

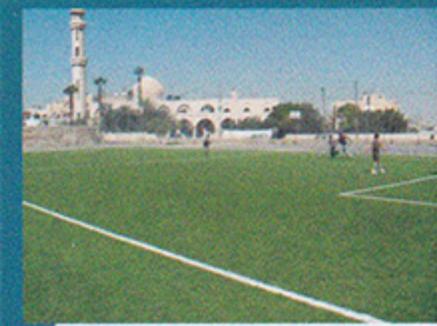


ELEGÂNCIA EM QUALQUER CAMPO.

COLLEZIONE PARAMOUNT
E VIA VENETO PATROCINAM
O SÃO PAULO F.C. NA
LIBERTADORES DA AMÉRICA.
É SHOW DE BOLA.


VIA VENETO

Collezione Paramount

Única Fábrica da América Latina com aprovação dos laboratórios credenciados pela FIFA;

Desenvolvimento da grama a partir das reais necessidades envolvidas;

Mais de 4.000 campos instalados;

Presente em todos os continentes.

Atendimento personalizado;

Testes de Qualidade;

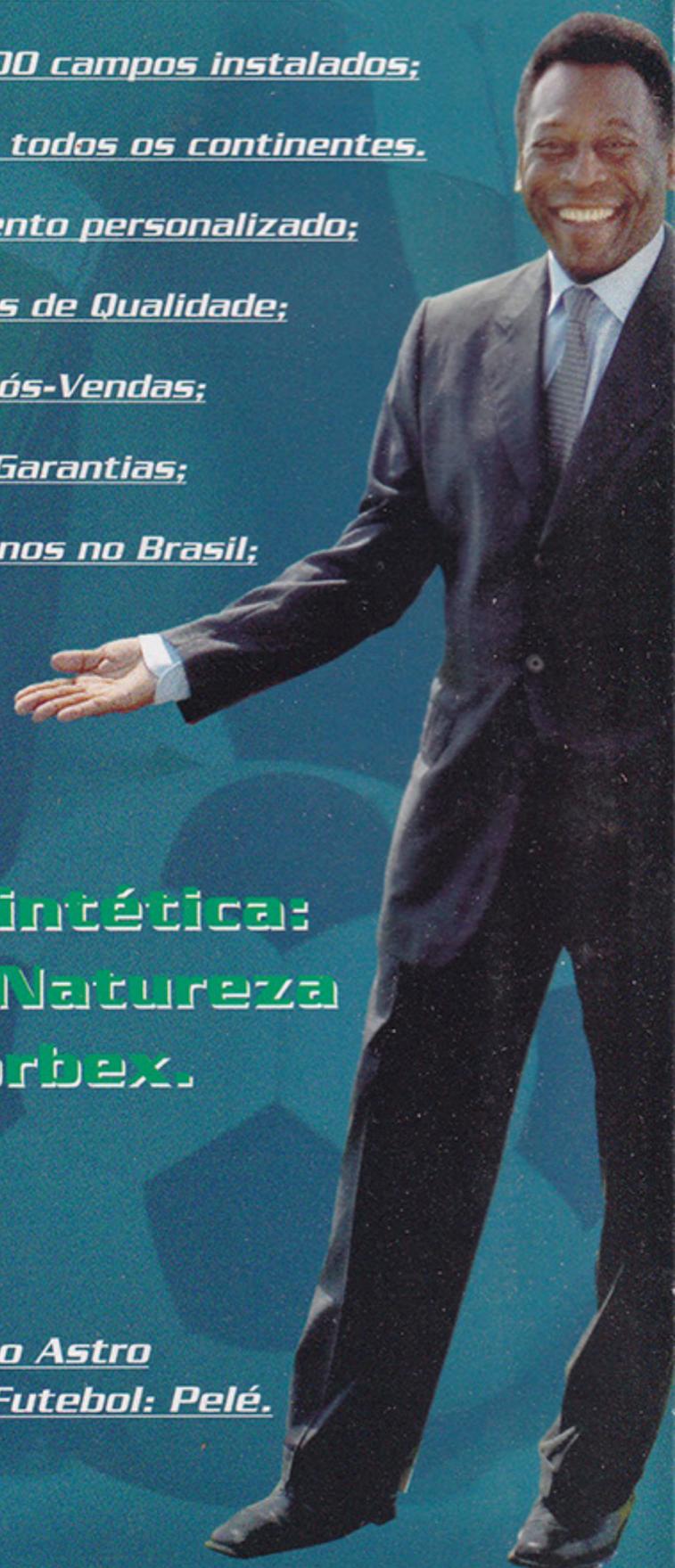
Pós-Vendas;

Garantias;

10 anos no Brasil;

**Gramma Sintética:
Essa é a Natureza
de Forbex.**

 Aprovada pelo Astro
Supremo do Futebol: Pelé.



Futebol Profissional Futebol Society

Tênis Hóquei Golf

Residencial Escolar

Rua Bartolomeu Paes 508
Vila Anastácio CEP 05092-000
São Paulo - SP - Brasil
** Tel/Fax: (011) 3835-9555

www.forbex.com.br

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ